



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO-UFRPE
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA-UAST
DEPARTAMENTO DE LETRAS

TAMARA GÉSSICA TAVARES HENRIQUES

**CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DA PRÁTICA DOCENTE NO
BRASIL: UM OLHAR POR MEIO DA MÍDIA**

Serra Talhada

2021

TAMARA GÉSSICA TAVARES HENRIQUES

**CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DA PRÁTICA DOCENTE NO
BRASIL: UM OLHAR POR MEIO DA MÍDIA**

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Federal Rural de Pernambuco - Unidade Acadêmica de Serra Talhada.

Professora orientadora: Dra. Lílian Noemia Torres de Melo Guimarães.

Serra Talhada

2021

Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação Universidade Federal Rural de
Pernambuco Sistema Integrado de
Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

H519c Henriques, Tamara Gêssica Tavares
 Construção de identidade da prática docente no Brasil : um olhar por meio da mídia / Tamara
 Gêssica Tavares Henriques. - 2021.
 68 f. : il.

 Orientadora: Lilian Noemia Torres de Melo
 Guimaraes. Inclui referências e anexo(s).

 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de
 Pernambuco, Licenciatura em Letras, Serra Talhada, 2021.

 1. Docência. 2. Identidade. 3. Notícia. I. Guimaraes, Lilian Noemia Torres de Melo, orient. II.
 Título

CDD 410

TAMARA GÉSSICA TAVARES HENRIQUES

**CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DA PRÁTICA DOCENTE NO
BRASIL: UM OLHAR POR MEIO DA MÍDIA**

Aprovada em: 22 /02 / 2021

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Lílian Noemia Torres de Melo Guimarães – (UAST-UFRPE)

Orientadora – Presidente

Profa. Dra. Jane Cristina Beltramini Berto – (UAST- UFRPE)

1ª examinadora – Membro Interno

Prof. Dr. José Herbertt Neves Florêncio (UFCG)

2ª examinador – Membro Externo

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, Santo e Poderoso, Alfa e Ômega, fortaleza absoluta, por guiar meus passos e permitir que eu chegasse até aqui. Pelo amparo e força diante de tantos percalços que surgiram na minha caminhada acadêmica.

A minha filha, Thaís Maria, grande amor da minha vida, o maior e mais lindo presente que Deus me deu, minha eterna gratidão. Você literalmente é a personificação da palavra amor. Você chegou na minha vida e preencheu um enorme vazio no meu coração, alegrou nossos dias, nossa casa. Te amo minha lindinha, você é fonte de força e inspiração na minha vida.

A meus pais, Isabel e Antônio, verdadeiros exemplos de força e dignidade para minha vida, obrigada por terem transmitidos os melhores ensinamentos, e por sempre me incentivarem a lutar pelos os meus objetivos. Tudo o que sou devo a vocês. Amo vocês infinitamente.

A meu esposo, e professor preferido, Lércio Barbosa, por me apoiar e estimular sempre. Você foi peça fundamental para que essa caminhada desse certo, sempre busquei me inspirar em ti. Te amo, obrigada por tudo!

A meu irmão, Tales, que mesmo distante nunca deixa de transmitir alegria, apoio, e muito amor.

A meu irmão, Tasso, pelas palavras de apoio e incentivo. Por sempre estar por perto quando preciso, pela troca de aprendizado.

A minha amada tia Solange, além de tia, grande amiga, obrigada pelo amor, pela amizade, pelo apoio, por cuidar da minha filhinha durante os dias que estive na universidade, pelo incentivo e apoio constante. Jamais poderei retribuir tudo o que a senhora já fez por mim.

A minha querida Avó Maria, mulher forte e guerreira, obrigada por tanto carinho, acolhimento, e por sempre me apoiar e torcer por mim.

A minha prima, Daniela, que por tantas vezes esteve junta com minha tia cuidando da minha filhinha, como também pelo carinho e amor que você dedica a ela. Obrigada pela ajuda, pelo incentivo e apoio durante minha trajetória.

A minha sogra e sogro, Francisca e Paulo, por sempre me apoiarem, me incentivarem a continuar firme, pelo carinho e torcida, sempre. Da mesma forma,

agradeço a todos os meus familiares pela motivação, torcida, e por acreditarem em mim.

A todos os meus companheiros de turma, em especial, Avellyne, Edna, Elismarina e Cícero, que tornaram essa caminhada mais branda e bonita. Obrigada por toda troca de conhecimento, pelos conselhos, pela ajuda, por sempre estarem por perto quando precisei, por compartilharem tantas risadas, e também os medos, enfim, obrigada por tudo. Vocês têm um lugar muito especial no meu coração. Ademais, agradeço a toda instituição UFRPE/UAST, como também todos os que a compõem, principalmente os professores, que são peças fundamentais nesse processo de ensino-aprendizagem. Parabênzo a todos pela belíssima atuação, empenho e competência.

Meu agradecimento especial a minha orientadora, Lílian Noemia, grande profissional, a qual conduziu de forma maestral as orientações desse trabalho. Obrigada pela paciência, pela doçura, por sempre responder prontamente cada dúvida, cada chamado, sempre com toda boa vontade e amor. Você é inspiração para mim, como professora, e como pessoa. Obrigada por tudo!

Agradeço a todos os meus amigos, principalmente minhas amigas de longa data, Renia, Suzana, Andressa e Raíssa, por transmitirem, mesmo de longe, tanto apoio, carinho e amor.

E, por fim, quero agradecer de todo meu coração, a todos os meus irmãos em Cristo, da Primeira Igreja Batista de Manaíra, pelas orações, pelo apoio e pelo carinho e respeito que transmitem sempre.

*"A educação tem raízes amargas, mas os seus frutos são doces."
(Aristóteles)*

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo averiguar o tratamento que é dado à prática docente, sobretudo em notícias de jornais, bem como mostrar as possíveis construções identitárias que são estabelecidas pela mídia a esta prática. Para tanto, buscamos embasamento teórico, inicialmente, em autores da Análise Crítica do Discurso, como Van Dijk (2008); Fairclough (1992); Resende (2012); e demais estudiosos que tratam sobre a temática. Com relação à noção de identidade, embasamo-nos em autores da Sociologia e Linguística, como Bauman (2005); Castells (2018); Kleiman (1998); Moita Lopes (1998); Hall (1999), entre outros. O corpus do trabalho delimita-se em analisar um arquivo de notícias retiradas do Jornal da Paraíba (JPB) online, no período que corresponde de 2010 a 2020. Foram coletadas cinco notícias que mencionavam a prática docente. Nossa finalidade foi investigar a construção de identidade da prática docente no Brasil por meio da mídia, se ocorria de forma positiva ou negativa, se os professores possuíam acesso discursivo nessas notícias, e de que forma esse acesso era dado. Do mesmo modo, observamos a seleção dos itens lexicais que compunham o título das notícias. Quanto aos procedimentos metodológicos, empregamos as seguintes categorias: (I) acesso discursivo; (II) análises dos títulos. Os primeiros resultados confirmaram a hipótese de que a forma como a mídia reporta a prática docente contribui na construção de uma identidade negativa da docência no Brasil.

Palavras-chaves: Docência. Identidade. Notícia.

ABSTRACT

This work aims to investigate the treatment that is given to the teaching practice, especially in news from newspapers, as well as showing the possible identity constructions established by the media to this practice. For that, we used a theoretical basis, initially, in authors of Critical Discourse Analysis, such as Van Dijk (2008); Fairclough (1992); Resende (2012); and other scholars dealing with the theme. Regarding the notion of identity, we rely on authors from Sociology and Linguistics, such as Bauman (2005); Castells (2018); Kleiman (1998); Moita Lopes (1998); Hall (1999), among others. The corpus of the work is delimited in news taken from Jornal da Paraíba (JPB) online, in the period that corresponds from the year 2010 to 2020. Were collected five news that mentioned the teaching practice. Our purpose was to investigate the identity construction of teaching practice in Brazil through the media, whether it occurred positively or negatively, whether teachers had discursive access to this news, and how this access was given. Also, we observed the selection of lexical items that made up the news headline. As for methodological procedures, we employ the following categories: (I) discursive access; (II) analysis of the titles. The first results confirmed the hypothesis that the way the media reports teaching practice contributes to the construction of a negative teaching identity in Brazil.

Keywords: News. Teaching. Identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	14
1. ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE SUA HISTÓRIA E SEUS RESPECTIVOS CONCEITOS	14
1.1 Discurso e Poder.....	16
1.2 Mídia.....	21
1.3 Acesso Discursivo.....	22
1.4 Ideologia.....	24
CAPÍTULO II	28
2. IDENTIDADE SOCIAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	28
2.1 Prática Docente.....	34
2.2 O Desenvolvimento da Prática Docente após os séculos XX e XXI	36
CAPÍTULO III	38
3. ASPECTOS METODOLÓGICOS	38
3.1 Uma breve introdução ao gênero notícia.....	40
3.2 Construção de Identidade da Prática Docente.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	57
ANEXOS	60

INTRODUÇÃO

Neste trabalho monográfico são apresentados os resultados de uma pesquisa que buscou investigar a construção de identidade da prática docente no Brasil por meio da mídia.

Levando em consideração que a mídia produz um discurso jornalístico, expresso pela imprensa ou televisão, as quais são responsáveis por serem um dos meios que mais contribuem para formar opinião, já que atingem milhões de pessoas (VAN DIJK, 2008), levantamos as seguintes questões: como a mídia noticia a prática docente? Quais identidades da prática docente podem ser construídas a partir de notícias reportadas pela mídia?

Tendo em vista que estamos vivenciando uma era tecnológica bastante avançada, em que os diversos veículos de comunicação chegam rapidamente à maioria das casas dos milhares de brasileiros e, desse modo, grande parte tem acesso a diferentes temas, assuntos e notícias, sendo o maior número deles mostrado pelos meios midiáticos, podemos ver o quanto tais meios têm o poder de informar e também influenciar a sociedade.

A prática docente é um tema que sempre foi alvo de muitas discussões. Apesar de a docência ser uma das profissões mais antigas do mundo, é também pouco valorizada e mal remunerada no nosso país. Mesmo sendo uma profissão que gera milhares de outras profissões, ela é pouco reconhecida. Sua trajetória, ao longo do tempo, foi marcada por muitos percalços.

A ausência de investimentos e propostas de melhorias na Educação, como também, a falta de políticas públicas que investissem na mesma, ocasionou um processo de descaracterização e desvalorização da prática docente. (KIMURA *et.al.*, 2012).

A forma como essa profissão foi estabelecida no nosso país também foi muito desorganizada, através de Padres Jesuítas, que chegaram aqui com o intuito de catequizar, mas que, conforme nos aponta Louro (1998, p.2), “acabaram por constituir uma das primeiras e fundamentais representações do magistério”.

Foi com base em tais discussões acerca da prática docente que surgiu o desejo de realizar esta pesquisa, que visa averiguar o tratamento da prática docente no Brasil

pela mídia. Dentro deste cenário de avanço tecnológico e poder de acesso da mídia para a população, especificamente pretendemos:

(I) Examinar como o Jornal da Paraíba (JPB) reporta as notícias sobre a prática docente no Brasil durante o período de dez anos;

(II) Constatar que tipo de construções identitárias são possíveis de estabelecer para a prática docente no Brasil.

Partimos da hipótese de que a forma como a mídia reporta a prática docente contribui na construção de uma identidade negativa da docência no Brasil.

Esta pesquisa está estruturada em três partes. Inicialmente no primeiro capítulo nos dedicamos a tratar sobre a Análise Crítica do Discurso (ACD), retratando um pouco sobre sua história, como surgiu, a partir de quem, bem como alguns dos pontos centrais que a ACD trata e que são fundamentais para esta pesquisa, tais como: discurso, poder, mídia, acesso discursivo, ideologia, entre outros. Como grande expoente da ACD, traremos como principal autor, o linguista Teun A. Van Dijk, e outros pesquisadores como: Fairclough, Wodak, Flower, Magalhães.

Em seguida, no segundo capítulo, discutiremos sobre o conceito de identidade, que é um objeto de estudo para muitos pesquisadores, pois muito se pergunta como surgiu, e como ela é formada. Traremos como norte alguns autores que tratam sobre o referido tema, como Stuart Hall (2006), com sua obra *Identidade Cultural na Pós Modernidade*. Ele afirma que o tema identidade tem sido muito debatido nas teorias sociais, justamente pelo fato de que as velhas identidades estão em declínio e estão surgindo outras novas.

Do mesmo modo, o sociólogo polonês Bauman (2005) também se dedicou a pesquisar sobre o tema e nos trouxe diversos apontamentos sociológicos sobre o conceito identidade. Também temos Castells (2018), que traz diferentes tipos de construções de identidades. Bem como, Kleiman (1998), que apresenta esse conceito sob a ótica da Linguística Aplicada; e por fim Moita Lopes (1998, p.8), o qual aborda o seguinte conceito: “as identidades não estão nos indivíduos, mas emergem na interação entre os indivíduos agindo em práticas discursivas particulares nas quais estão posicionados”.

E por fim, apresentaremos nosso terceiro capítulo, em que, logo no início de forma breve, abordaremos algumas considerações sobre o gênero notícia, o qual segundo Bennassi (2009, p. 1793), constitui-se em “um formato de divulgação de um

acontecimento por meios jornalísticos”. Já para Lustosa (1996, p. 17), “notícia é a técnica de relatar um fato” ou, ainda, “notícia é o relato do fato, não o fato”. Mas nosso foco maior foi falar sobre o gênero sob a ótica de Van Dijk, que diz: “as notícias na imprensa são um tipo específico de discurso da mídia” (1990, p. 14).

Já na segunda parte deste último capítulo, estão os aspectos metodológicos que explicam a etapa da pesquisa. Logo após, estão as análises do nosso corpus, que consistem em um recorte de notícias do Jornal da Paraíba (JPB) no período de 2010 a 2020. Seu caráter é descritivo, foram realizadas análises visando investigar de que forma se dá a construção de identidade da prática docente por meio da mídia. E, por fim, apresentamos nossas considerações finais que mostram qual construção identitária foi construída sobre a prática docente a partir da análise do corpus.

CAPÍTULO I

1. ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE SUA HISTÓRIA E SEUS RESPECTIVOS CONCEITOS

A Análise Crítica do Discurso, podemos dizer que surgiu como uma continuação da Linguística Crítica, que emergiu no final dos anos 70, e que tinha como principal objeto de estudo a análise do discurso público, na qual, através das análises objetivava mostrar falsidades e mentiras nos discursos públicos, como relembra Flower (2004). Wodak (2001 *apud* MAGALHÃES, 2003, p. 2) nos reafirma que a “análise de discurso crítica pode ser considerada uma continuação da linguística crítica”. Diante disso, vimos que a Linguística Crítica foi o início de estudos específicos voltados para a análise de discursos, que mais tarde se tornaria algo bem maior; hoje, intitulada como Análise Crítica do Discurso.

A ACD é resultante da união de um grupo de pesquisadores que surgiu no início dos anos 1990. Esses estudiosos se reuniram em um pequeno simpósio em Holanda, em janeiro de 1991, e foi exatamente a partir daí que a ACD se consolidou como área de pesquisa. Esses pesquisadores que se reuniram no simpósio eram os linguistas: Teun Van Dijk, Norman Fairclough, Gunther Kress, Teo Van Leeuwen e Ruth Wodak. Eles passaram dois dias juntos e tiveram a oportunidade de discutir teorias e métodos de análise do discurso, especificamente de análise crítica do discurso, como aponta Wodak (2004, p. 227). Dessa forma, podemos dizer que a ACD é um campo de pesquisa desenvolvido e muitíssimo reconhecido mundialmente graças ao trabalho de muitos estudiosos. (MAGALHÃES, 2005).

A ACD teve seu reconhecimento firmado, principalmente graças a dois linguistas que são considerados os grandes expoentes deste campo de estudo, pois muitos contribuíram para que a ACD se tornasse um paradigma dentro da Linguística. São eles: Fairclough, com a criação de um método para o estudo do discurso; e Van Dijk, com o lançamento da revista *Discourse and Society*, uma revista de peso na área (MAGALHÃES, 2005). Foi a partir deste encontro destes linguistas, em 1991, em Amsterdã, que a ACD se firmou como um grupo unificado de estudiosos, sendo assim considerados os pioneiros de estudos nesta área de Análise Crítica. Através deles

muitos caminhos se abriram e vários outros pesquisadores de todo o mundo passaram a pesquisar em ACD. (WODAK, 2004)

A Análise Crítica do Discurso é uma subárea da Linguística. A mesma é um método de estudo que busca estudar a linguagem aliada a teorias linguísticas, sociológicas e políticas (FAIRCLOUGH, 1992). A Análise Crítica do Discurso busca, através dos estudos da linguagem, abrir os olhos da sociedade para mostrar como o poder e a dominação estão presentes nos discursos, e propõe então uma reflexão acerca dessa situação de subordinação.

Os objetivos centrais dos estudos desta área são compreender, analisar e revelar as desigualdades sociais. E, para que se cumpram tais objetivos, os pesquisadores da Análise Crítica do Discurso precisam cumprir algumas imposições para conseguirem finalizar seus objetivos. Um dos principais pontos é saber que a ACD está diretamente voltada para questões sociais e políticas e também para o modo como os discursos são produzidos, procurando averiguar como nessas reproduções concretizam-se as relações de poder e de dominação na sociedade. (VAN DIJK, 2008)

A teoria da Análise Crítica do Discurso se consolidou somente dos anos 90, mas, muito antes da segunda guerra mundial, alguns dos seus fundamentos já eram discutidos e explanados em algumas escolas da Alemanha. Os países pioneiros nos estudos específicos sobre a linguagem e o discurso foram Reino Unido e Alemanha (VAN DIJK, 2008).

A ACD, enquanto teoria, trouxe uma nova perspectiva de análise nos mais diversos campos de atuação. A mesma possui uma série de requisitos que devem ser cumpridos para que se possa chegar ao seu real objetivo. Dentre eles podemos destacar: seu foco central deve ser nas questões sociais e políticas; deve ser multidisciplinar; deve explicar as estruturas do discurso, tendo como base a interação verbal e estrutura social; e, por fim, compreender as relações das estruturas de produção e recepção de discursos, que invocam entre outras coisas algum tipo de poder e dominação pela forma como são construídos e expostos ao objetivo de quem os produziu. (VAN DIJK, 2008)

Assim como a ACD traz alguns requisitos que devem ser efetivados no seu processo de investigação, existem também alguns fundamentos essenciais da teoria que são extremamente relevantes, segundo nos apontam Fairclough e Wodak (1997 *apud* VAN DIJK, 2008):

A ACD aborda problemas sociais; as relações de poder são discursivas; o discurso constitui a sociedade e a cultura; o discurso realiza um trabalho ideológico; o discurso é histórico; a relação entre texto e sociedade é mediada; a análise do discurso é interpretativa e explanatória; o discurso é uma forma de ação social. (VAN DIJK, 2008, p. 115).

São com base nos referidos fundamentos que a Análise crítica do Discurso está firmada. Os mesmos servirão de base para nortear todos e quaisquer estudos nesta área, pois de forma clara nos mostram quais os objetivos que essa área de pesquisa busca analisar e desvendar.

É importante ressaltar que ACD não possui uma única linha de investigação, existem pelo menos três, as quais divergem um pouco em suas abordagens. Porém, seu foco central consiste em investigar como as relações de poder, dominação e controle estão presentes nos discursos. Muitos aspectos irão coincidir quando os estudiosos ou pesquisadores dessa área estiverem em processo de investigação. Dessa forma, muitos estudiosos sempre levarão em comum aspectos como: discurso, poder, raça, preconceito, discriminação, ideologia, dominação, entre outros.

Conforme já vimos, existem alguns pontos centrais que a Análise Crítica do Discurso trata. Assim, faz-se necessário que nos debruçamos sobre algumas delas. De forma inicial, iremos tratar sobre dois pontos centrais da ACD, discurso e poder. Ambos são temas centrais que embasam toda essa área de pesquisa. Subsequentemente, trataremos outros aspectos como: acesso discursivo, mídia e ideologia.

1.1 Discurso e Poder

Todo discurso é transmitido por meio da linguagem, e a linguagem é o meio de manifestação do discurso. O processo de construção de um discurso sofre influência social e cultural, tais influências fazem parte do processo histórico de vida dos sujeitos, criando assim múltiplas formas de discursos. O discurso é sempre pronunciado por alguém. Esse alguém sempre traz em seu discurso expressões que nos fazem buscar reconhecer as razões sociais pelas quais foi proferido. Isso é evidenciado na fala de Foucault, ao nos afirmar que:

Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu

acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 1996 *apud* VIANA, 2009, p.22).

Foucault traz essa abordagem bastante interessante sobre o discurso. Para o autor, discurso é uma rede de enunciados ou de relações que tornam possível haver significantes. Ele apresenta uma visão metafísica de poder (VIANA, 2000), pois ele está difuso na sociedade e está em todo lugar, sendo mais uma relação do que uma propriedade (FOUCAULT, 1986; FOUCAULT, 1983)

Muitos autores, filósofos e pensadores nos trazem suas vertentes a respeito do discurso, como vimos mais acima sobre Foucault. Outro autor que traz sua concepção sobre discurso é o filósofo francês Michel Pêcheux, expoente da análise do discurso. Ele nos diz:

[...] um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas: por exemplo, o deputado pertence a um partido político que participa do governo ou a um partido da oposição; é porta-voz de tal ou tal grupo que representa tal ou tal interesse, ou então está "isolado" etc. (PÊCHEUX, 1969, p. 77).

Ou seja, o discurso sempre será pronunciado com algum interesse e sempre terá a intenção de convencer ou influenciar o sujeito ouvinte. Esse é um aspecto que acontece há muito tempo e continua acontecendo diariamente nos mais diversos tipos de discursos.

Além destes autores, existem muitos outros estudiosos, filósofos e pesquisadores que trazem suas definições acerca do tema discurso. Porém, o conceito de discurso que nos debruçamos aqui nesta pesquisa é o conceito de discurso trabalhado na ACD.

Após os anos 60, com o nascimento da análise do discurso, que ocorreu em decorrência de uma chamada "virada discursiva", quando nas ciências sociais, iniciaram-se as ações da linguística na sociologia, ciências políticas e na educação, o conceito de discurso ganhou grande relevância.

Foi a partir dessa grande reviravolta nos estudos da humanidade que o discurso passou a ser um ponto central nos estudos de pesquisa, principalmente na ACD.

De acordo com Fairclough (2001, p. 91), "o discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo constituindo e construindo o mundo em significado". Para esse autor, o discurso traz muitas contribuições, dentre elas: a criação das identidades sociais; a construção das relações sociais; como também a construção de conhecimento e crença. (FAIRCLOUGH, 2001).

Já para, Van Dijk, “teórico que se destacou por sua vertente socio-cognitiva nos estudos discursivos” (MELO, 2009, p.11), e que desde o início de seus estudos e trabalhos na Linguística Textual e Análise do Discurso já trazia apontamentos sobre o discurso como práticas sociais, como também considerações sobre a importância do discurso para o estudo do processamento da linguagem, "o discurso não é analisado apenas como um objeto verbal autônomo, mas também como uma interação situada, como uma prática social ou como um tipo de comunicação numa situação social, cultural, histórica e política" (VAN DIJK, 2008, p. 12).

Ambos os autores acima afirmam que um dos aspectos que constituem o discurso são as práticas sociais. Ele atua como uma forma de representação do mundo; é uma forma de ação que permite aos indivíduos interagirem uns com os outros na sociedade. Resende (2012), grande expoente dos estudos da análise crítica aqui no Brasil, também compactua com a ideia de discurso como prática social, e ainda nos acrescenta:

Nessa perspectiva, o discurso é considerado um momento da prática social ao lado de outros momentos igualmente importantes – o que, portanto, também devem ser privilegiados na análise, pois o discurso é elemento da prática social que constitui outros elementos sociais assim como é informado por eles em uma relação dialética de articulação. (RESENDE 2012, *apud* SILVA, 2017, p. 70).

O discurso é uma prática de linguagem que permite aos indivíduos que eles interajam entre si, em toda a sociedade; e o processo de interação entre esses sujeitos dá início a um processo de construção e transformação dos significados por meio do discurso. Como acontece em toda a sociedade, essa interação acontece com indivíduos que vivem em diversas realidades diferentes, que ocorre em decorrência das desigualdades sociais existentes em todo o mundo; ou seja, as práticas discursivas são dotadas de interesses pessoais, ou de um determinado grupo, que sempre tem a intenção de influenciar de alguma forma o ouvinte.

Sendo assim, entra em questão um aspecto bastante interessante da ACD, o poder. Discurso e o poder estão interligados, um está presente no outro.

Considerando que as relações de poder se manifestam na esfera da linguagem e do discurso, e que as mesmas se fazem presentes em nosso cotidiano, tal como, nas relações familiares vivenciadas no dia a dia, nos textos jornalísticos, na mídia, e até na forma como nossa sociedade é dividida pelas classes sociais, tudo é

perpassado pelo poder. O poder está presente em toda parte, e muitas vezes sequer notamos. Mas o que é poder?

O poder é uma forma de relação social. É uma relação social específica, no qual se defrontam o dominante e o dominado. O dominante exerce o controle sobre o dominado, utilizando os mais variados recursos, tal como a força física, o dinheiro, etc.” (VIANA, 2003 *apud* VIANA, 2009, p. 01).

O poder se configura na própria linguagem e, através da linguagem, podemos fazer uso de várias formas de seu exercício, como por exemplo, o discurso, que é uma forma de manifestação da linguagem. Mas não podemos confundir linguagem e discurso, ambos não possuem a mesma definição. “A linguagem é principalmente um meio de expressão enquanto que o discurso é fundamentalmente expressão” (VIANA, 2009, p. 13).

Deste modo vemos que o poder exerce total influência na sociedade, principalmente quando está interligado ao discurso, de modo que temos formas de discursos que impedem a manifestação de outras formas, exemplo disso são as instituições sociais. Para Wodak (2004, p. 237), “o poder não surge da linguagem, mas a linguagem pode ser usada para desafiar o poder, subvertê-lo, e alterar sua distribuição a curto e longo prazo”. Van Dijk (2008, p.44) acrescenta: “Deve-se ressaltar que o poder não apenas aparece “nos” ou “por meio dos” discursos, mas também que é relevante como força societal “por detrás” dos discursos”.

O poder comanda ativamente na criação dos discursos, sejam eles: científico, político, artístico ou religioso, todos são controlados por aqueles que detêm o poder. Determinados discursos são criados e selecionados para exercerem uma certa influência na sociedade, e busca criar no outro uma impressão sobre algo ou alguém já imposta no próprio discurso.

Assim como o discurso, o poder é um conceito usado em várias áreas de pesquisa. Entretanto, a noção de poder que aqui nos interessa são as formas como eles vêm representados nos discursos, seja por texto ou o discurso oralizado. Ressaltamos que a noção sobre poder é bastante complexa, não há apenas uma definição que possa dar conta de todo esse aspecto. Assim nos fundamentamos na perspectiva de poder defendida por Van Dijk, que se dedicou a estudar sobre discurso e poder. Para esse autor, é mais interessante utilizar a perspectiva do poder social do que do poder pessoal. Ele enumerou algumas características sobre o poder social. Em uma delas, ele nos afirma:

Poder social é uma característica da relação entre grupos, classes ou outras formações sociais, ou entre pessoas na qualidade de membros sociais. Apesar de podermos falar em formas pessoais de poder, esse poder individual é menos relevante para a nossa explicação sistemática do papel do poder no discurso enquanto interação social (VAN DIJK, 2008, p. 41).

Além do poder social acontecer devido às diversas relações entre os grupos, através da interação, isso também ocorre através da comunicação e do discurso, pois tanto a interação quanto o discurso são utilizados como forma de comunicação e envolvem o cognitivo, ou seja, a mente do sujeito. E é exatamente através da mente que as formas de controle ocorrem. Van Dijk (2008, p. 42) segue apontando:

A maior parte das formas de controle social da nossa sociedade implica esse tipo de controle mental exercido tipicamente por meio da persuasão ou de outras formas de comunicação discursiva, ou resultante do medo de sanções a serem impostas por A no de caso B não atender os desejos de A. (VAN DIJK, 2008, p. 42).

Para que um determinado grupo social consiga ter certo domínio de poder sobre o outro, além de envolver questões como o controle do cognitivo, e usar artifícios como poder de persuasão no discurso, tal grupo também deve conhecer os anseios, planos e intenções do grupo dominado, para que de fato ele consiga ter total controle e poder social sobre aquele referido grupo. (VAN DIJK, 2008).

Essa disputa de poder que há em todas as dimensões da sociedade, e que neste caso especificamente, observamos graças aos trabalhos de pesquisa realizados pela ACD, através da área da linguagem, mostra-nos como a desigualdade social, o preconceito, entre outras coisas estão fortemente presentes na sociedade e nos discursos por elas proferidos. Isso nos leva a refletir como o papel da ACD, enquanto teoria, tem contribuído para refletirmos sobre o que fazemos e o que podemos fazer com a linguagem, como também analisar a dimensão da sua potencialidade. Lembrando que a intenção do fazer refletir acerca da linguagem consiste no objetivo de melhoria e mudança nos cenários sociais.

Segundo Wodak (2004, p. 236), “para ACD, a linguagem não é poderosa em si mesma – ela adquire poder pelo uso que os agentes que detêm poder fazem dela.” Portanto, observa-se que, é através dos mecanismos da linguagem, que o poder se manifesta, como por exemplo, o discurso como vimos anteriormente.

Após abordarmos um pouco sobre o conceito de discurso e sua ligação com o poder, e observarmos como o poder está presente nos discursos, e como os

mesmos podem influenciar e controlar as mentes dos indivíduos, iremos abordar na próxima seção um pouco como esse poder é manifestado em uma das instituições de poder: a mídia.

1.2 Mídia

A palavra mídia é uma adaptação da palavra médium, de origem latina, que significa meio. Esse termo é bastante recente, somente a partir dos anos 90 é que começaram a usá-lo; ele é usado para referir-se a imprensa, ao jornalismo, é um meio de comunicação, um veículo. (GUAZINA, 2004).

É através da mídia que as pessoas obtêm as mais diversas informações acerca de tudo o que acontece no próprio país e no mundo. Seja pela mídia tradicional, com o uso da televisão, rádio e os jornais e revistas impressas; ou pela versão digital como sites, blogs, jornais e revistas digitais; mídia externa, com a exposição de cartazes, letreiros e outdoors, entre outros; quaisquer que sejam a modalidade de mídia ela possui uma abrangência gigante de informação.

Como supracitado, neste subtópico, trataremos um pouco de abordar como o poder é manifestado em estruturas da escrita e da fala. Van Dijk (2008) selecionou alguns tipos de discursos, como subgêneros ou eventos comunicativos, nos quais ele mostra relações de poder. Dentre eles destacamos o discurso da mídia com enfoque nos textos jornalísticos e produção de notícias, para mostrar como o poder se manifesta. Em relação ao discurso da mídia, Van Dijk (2008) traz um importante apontamento:

Não há dúvidas de que, dentre todas as formas de texto impresso, as dos meios de comunicação de massa são as mais penetrantes, se não as mais influentes, a se julgar pelo critério de poder baseado no número de receptores. Além dos discursos falado e visual da televisão, os textos de jornal desempenham um papel vital na comunicação pública. Ao contrário da crença popular e do senso comum entre os estudiosos, as notícias na imprensa são geralmente mais bem lembradas do que as notícias na televisão (ROBINSON; LEVY, 1986) e são percebidos como qualitativamente superiores (BRUHN JENSE, 1986), o que pode ampliar sua influência persuasiva e, portanto, seu poder. (VAN DIJK, p. 73).

Esse apontamento nos mostra como de fato o poder está presente em todos os tipos de discursos, inclusive no discurso da mídia, exatamente pelo fato de serem mais penetrantes e também porque possuem uma capacidade enorme de

atingir um grande número de pessoas, e hoje em dia muito mais, por causa do amplo uso da tecnologia. Nesse sentido, Van Dijk (2008) ainda nos acrescenta que a mídia tende a reproduzir o que é ideal para a elite, e os critérios que ela usa para decidir sobre o que será noticiado também tem por base a própria elite.

Assim, chegamos à conclusão de que o poder está fortemente presente nos profissionais da mídia, pois é o poder de uma elite que comanda e controla o que é noticiado e que consegue manipular o ouvinte, com seus discursos muitas vezes preconceituosos e estereotipados. Essa diferença que há na forma como a mídia retrata notícias referentes a grupos sociais subordinados e de como a mesma retrata grupos poderosos evidencia-se em trabalhos realizados por Van Dijk sobre o discurso da mídia. O autor afirma:

Em uma série de estudos de análise do discurso de notícias na imprensa, eu examinei como os grupos sociais subordinados são representados nos textos noticiosos (van Dijk, 1987c; van Dijk, 1985 b). As minorias, os refugiados, os sem-teto e os países e as populações do Terceiro Mundo parecem ser representados de maneiras geralmente semelhantes, ou seja, em contraste com a apresentação dos grupos e países poderosos. A conclusão geral desses estudos é a de que esses e outros grupos externos: (a) tendem a ter menos acesso aos meios de comunicação de massa dominantes; (b) são menos usados como fontes de notícia usuais e confiáveis; (c) são descritos de forma estereotipada, se não negativa, principalmente como um problema, se não como um fardo ou mesmo uma ameaça a nossos valiosos recursos; (d) são tidos como "deficientes" ou "atrasados" de várias maneiras, quando comparados a nossos objetivos, normas, conhecimento ou cultura; e, portanto, (e) precisam de nossa ajuda, compreensão ou apoio (altruístas), pressupondo que se adaptem a nossas normas e ideologias sociais e políticas. (VAN DIJK, 2008, p. 75-76).

O discurso jornalístico expresso pela imprensa e televisão é responsável por ser um dos meios que mais contribuem para formar opiniões sobre os mais diversos assuntos e acontecimentos de todo o mundo, pois são meios que atingem milhões de pessoas (VAN DIJK, 2008). Sendo assim dá para se ter uma ideia da proporção que a mídia possui em manipular a sociedade. Esse poder social adquirido por determinados grupos, ou membros destes grupos, possibilita que os mesmos controlem diversas coisas, dentre elas destacamos o acesso discursivo, que é um aspecto bastante interessante que será abordado a seguir.

1.3 Acesso Discursivo

Outro aspecto importante nos estudos sobre discurso e poder é o conceito de acesso discursivo. Se formos analisar o significado isolado da palavra acesso, temos como significado, segundo o dicionário, ato de ingressar, entrada, ingresso. A palavra em si traz um significado amplo, que pode conter diversos sentidos. Porém, o acesso que aqui nos referimos é o acesso discursivo pautado nos estudos desenvolvidos por Van Dijk, dentro da perspectiva da Análise Crítica.

Este autor é pioneiro nos estudos sobre acesso discurso. Embora ele já tenha realizado alguns estudos acerca do conceito de acesso, esse tema segundo o próprio autor, ainda apresenta uma noção vaga, que necessita de mais esclarecimentos e precisão (VAN DIJK, 2008).

Segundo Falcone (2003), os estudos feitos por Van Dijk já abriram alguns caminhos a respeito do conceito sobre acesso, e graças ao seu empenho nos estudos e pesquisas sobre este tema, podemos conceituá-lo e compreendê-lo.

Na sua obra *Discurso e Poder*, especificamente no capítulo três, intitulado *Discurso, poder e acesso*, Van Dijk desenvolve um trabalho no qual ele evidencia as extensões da dominância que há nas relações entre discurso e poder social, que são os padrões de acesso discursivo (VAN DIJK, 2008). Em relação ao discurso e acesso, ele aponta que "um elemento importante na reprodução discursiva do poder e da dominância é o próprio acesso ao discurso e a eventos comunicativos". (VAN DIJK, 2008, p. 89).

Como já sabemos, o poder está presente nos discursos, e grupos e instituições dominantes usam esses discursos para manter o controle e dominar as mentes dos indivíduos. Isso acontece graças ao acesso discursivo privilegiado de alguns grupos e instituições que utilizam os sistemas do texto e da fala para influenciar e dominar seus receptores. Daí pode-se compreender como o próprio acesso é seletivo, pois, quem tem mais acesso ao processo de construção discursiva é quem tem mais poder. Sobre isso, o autor pontua que:

[...] discurso é similar a outros recursos sociais valorizados que constituem a base do poder cujo é distribuído de forma desigual. Por exemplo, nem todos têm igual acesso à mídia ou à fala e à escrita médicas, jurídicas, políticas, burocráticas ou acadêmicas. (VAN DIJK, 2008, p.89).

Exemplos de acesso discursivo são perceptíveis em quase todos os grupos sociais, como também em profissões, situações, relações, até nos gêneros (VAN DIJK, 2008). O grande exemplo disso é a mídia. Por isso, segundo Van Dijk:

Muito mais óbvios e consequentes são os padrões de acesso à mídia de massa: quem tem acesso preferencial aos jornalistas, quem será entrevistado, citado e descrito nas reportagens jornalísticas e de quem serão as opiniões capazes de influenciar o público. Ou seja, através do acesso à mídia de massa, os grupos dominantes também podem ter acesso e, conseqüentemente, controle parcial sobre o público em geral. A não ser por meio de cartas ao editor, o público geralmente tem acesso passiva à mídia apenas como leitores ou telespectadores. (VAN DIJK, 2008, p. 90).

Esse exemplo de acesso à mídia citado por Van Dijk é só um exemplo de padrão de acesso, dentre muitos outros existentes, pois, como fora dito, "para cada domínio social, profissão, organização ou situação podemos esboçar um esquema discursivo e comunicativo de condições e estratégias de acesso" (VAN DIJK, 2008, p. 9). Decidimos destacar o exemplo de acesso da mídia em massa porque será um ponto recorrente e central dessa pesquisa. E ainda sobre acesso, o autor acrescenta que:

Acesso pode englobar o modo como as pessoas tomam a iniciativa nos eventos comunicativos, as modalidades de suas participações, assim como os modos com os quais controlam as várias outras propriedades do discurso, como a tomada do turno, o sequenciamento, os tópicos e até mesmo os modos como as pessoas são representadas no discurso, como referentes ou tópicos. (VAN DIJK, 2008, p.91).

Para Melo (2009, p. 11), Van Dijk elaborou a teoria sobre acesso, "a fim de entender o funcionamento da cognição social, a noção de acesso discursivo, que significa de que forma é dada a chance do indivíduo se inserir socialmente num discurso de domínio prestigiado".

Após tecermos algumas considerações sobre o acesso discursivo, abordaremos outro ponto muito relevante na ACD, que é o termo ideologia. Esse termo é estudado nas mais diversas áreas do conhecimento, porém nos dedicaremos a compreendê-lo um pouco com o foco direcionado na perspectiva da Análise Crítica do Discurso, especificamente de Teun A. Van Dijk.

1.4 Ideologia

A palavra ideologia é um termo bastante antigo, que se formou a partir da junção das palavras gregas "ideias" mais "logos". Segundo Tompson (1990 *apud* WODAK 2004), esse conceito de ideologia vem sendo usado em torno de dois séculos, e o mesmo foi utilizado pela primeira vez na França. Diversas fontes

mostram que a origem deste termo poder ser atribuída ao filósofo francês Desttut de Tracey, que definiu ideologia como um conjunto de ideias.

Esse conceito serviu como objeto de estudo para muitos estudiosos e suas perspectivas variam de acordo com cada área de pesquisa estudada. De acordo com Wodak (2004, p. 235), “para a ACD, a ideologia é vista como um importante aspecto da criação e manutenção de relações desiguais de poder”. Já, para Tompson (1990 *apud* Wodak 2004, p. 235), o estudo da ideologia é o estudo “de como o significado é construído e transmitido através de formas simbólicas de vários tipos”.

Para Fairclough (1989, p. 84 *apud* SOUZA 2005, p. 425), ideologia é “uma concepção do mundo que é implicitamente manifesta na arte, na lei, da atividade econômica e em todas as manifestações da vida individual e coletiva”.

Já Van Dijk propõe uma definição diferente das demais definições tradicionais sobre ideologia, tornando-a mais específica e menos complicada. Para esse autor, antes de qualquer coisa, “tomamos como ponto de partida o fato de a ideologia ser uma forma de cognição social” (VAN DIJK, 2008, p.48).

O fato desse autor defender esse ponto de vista não quer dizer que a ideologia remete-se apenas às crenças e atitudes, não é isso, pois se sabe que existem muitos outros elementos que a compõem. (VAN DIJK, 2008).

Partindo desse ponto de vista e análise da cognição social, o pesquisador afirma que:

[...] uma ideologia é uma estrutura cognitiva complexa que controla a formação, transformação e aplicação de outros tipos de cognição social, tais como o conhecimento, as opiniões e as posturas, e de representações sociais, como os preconceitos sociais. Essa estrutura ideológica em si consiste em normas, valores, metas e princípios socialmente relevantes que são selecionados, combinados e aplicados de forma tal a favorecer a percepção, interpretação e ação nas práticas sociais que beneficiam os interesses do grupo tomado como um todo. (VAN DIJK, 2008, p. 48).

Dentre as práticas sociais citadas mais acima por Van Dijk, podemos destacar o discurso e a comunicação. Ambas, segundo o autor, “desempenham um papel central na (trans)formação da ideologia” (2008, p. 49). Ele ainda nos acrescenta que “apesar de a formação da estrutura sócio cognitiva fundamental da ideologia ser um processo bastante complexo, ela precisa ao menos de uma base de crenças (verdadeiras ou falsas)” (VAN DIJK 2008, p. 49).

Assim, o pesquisador mostra como o discurso é a prática social perfeita, que dá conta de mediar essa perspectiva de crença verdadeira e falsa, principalmente o discurso proferido pelos grandes grupos poderosos e as instituições (VAN DIJK, 2008).

Sendo assim, veremos um pouco sobre o que Van Dijk aponta sobre discurso e reprodução ideológica. O uso do discurso possui inúmeras finalidades, algumas delas, podemos dizer que são desenvolver e mudar as ideias das pessoas. No entanto, esse processo de mudança nas crenças e opiniões das pessoas não acontece de forma imediata, ocorre de maneira gradativa. Esse processo é consequência na grande maioria das vezes da postura da elite simbólica, pois são eles que controlam os tipos de discursos, a quantidade de informações, entre outras coisas (VAN DIJK, 2008).

Com relação aos discursos de instituições e grupos poderosos, temos os meios de comunicação jornalísticos, que segundo Van Dijk (2008) utilizam o controle do conhecimento como uma forma estratégica para selecionar e restringir determinados assuntos. Em relação aos meios jornalísticos, ele afirma que:

Esse processo é dirigido por um sistema de valores e de ideologias profissionais sobre as notícias e sobre o que deve ou não ser notícia, algo que costuma direcionar o foco e o interesse para vários dos participantes da elite: atores, grupos, classes, instituições, países e regiões (Galtung e Ruge, 1965). O acesso e a cobertura privilegiados (sejam negativos ou positivos) a respeito de protagonistas das notícias é um fator importante da reprodução do poder social a qual é mediada pelos meios de comunicação de massa (Brown et.al.,1982). (VAN DIJK, 2008, p. 50).

O mesmo ocorre no setor educacional, por exemplo, os livros didáticos, os materiais de ensino e as próprias aulas, que, conforme aponta Van Dijk, “são dirigidos por objetivos, assuntos, temas e estratégias de aprendizagem que, em sua maioria, costumam coadunar-se com os valores e interesses dos vários grupos do poder da elite” (VANDIJK, 2008, p. 50).

Após esboçarmos um breve panorama sobre a Análise Crítica do Discurso, mostrando sua origem, que surgiu como uma continuação da Linguística Crítica, seus principais expoentes, bem como, um aprofundamento específico em alguns pontos importantes da ACD, que são muito relevantes para esta pesquisa, no capítulo seguinte, discutiremos o conceito de Identidade, e especificamente, Identidade Social, sobre a ótica de diversos autores que nos mostrarão suas vertentes a respeito do

conceito de identidade. Nosso intuito é mostrar como esse conceito se modificou ao longo do tempo, e para isso nos ancoramos em grandes autores da Sociologia, Linguística, entre outros.

CAPÍTULO II

2. IDENTIDADE SOCIAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste segundo capítulo, traremos uma discussão teórica sobre o conceito de identidade, especificamente sobre identidade social, visto que a mesma é extremamente relevante nesta pesquisa, e atuará como a peça chave que embasará todo esse trabalho monográfico. Como suporte teórico para fundamentar este capítulo, abordaremos o conceito de identidade sobre a ótica de autores como: Stuart Hall, Kleiman, Manuel Castells, Bauman, Moita Lopes, entre outros.

O tema identidade é um objeto de estudo bastante antigo; o mesmo sempre chamou atenção de muitos estudiosos, pois muito se pergunta como surgiu, e como ela é formada. Quando falamos em identidade vem logo na cabeça a questão da individualidade “quem sou”, em nível pessoal, e era exatamente assim, que antigamente esse conceito era associado, como identidade equivalente a essência. Hall (2006) estabelece três concepções de identidade. Segundo ele nos aponta, o conceito de identidade tem sido bastante debatido na teoria social pelas seguintes questões: o declínio das velhas identidades, e o surgimento de novas identidades.

A primeira concepção de identidade defendida por Hall (2006) tem como fundamento o sujeito do iluminismo. Esse sujeito era totalmente dotado e movido pela razão, centrado e único, ele não mudava, suas modificações eram apenas físicas, mas seu interior, sua essência, permanecia idêntica ao longo de toda sua vida.

A segunda concepção de identidade traz uma noção do sujeito sociológico, que para Hall (2006), diferentemente do sujeito iluminista, já não tem tanto essa ideia do eu individual e autônomo. Pelo contrário, para que houvesse a formação do eu interior do sujeito, seria necessário a participação de outras pessoas, ou seja, através da interação entre o sujeito e a sociedade é que ocorria a constituição da identidade.

E, por fim, temos a concepção de identidade do sujeito pós-moderno, que se trata de um sujeito que sofreu muitas mudanças internas, e, portanto, não mais possui uma identidade, e sim, várias identidades. Ou seja, diferentemente do sujeito iluminista que possui uma identidade única e fixa, agora temos um sujeito com uma identidade móvel, deslocada e múltipla (HALL, 2006).

Assim como Hall, o sociólogo polonês Bauman também escreveu uma obra tendo como tema identidade; isso mostra como esse tema tem ganhado espaço nas

ciências sociais. Para Bauman (2005), esse tema há algumas décadas, para a Sociologia, estava longe de ser um tema central, com propostas de debate e estudos. Hoje, pode-se dizer que o referido tema é um assunto extremamente relevante para a área. Ele ainda nos acrescenta que por muito tempo as identidades foram definidas de forma fixa, mas que isso mudou ao longo do tempo, e, sobre essa mudança, o autor aponta: “as identidades ganharam livre curso, agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno vôo, usando os seus próprios recursos e ferramentas” (BAUMAN, 2005, p. 35).

Durante o desenrolar da obra, Bauman (2005) estabelece dois tipos de identidades, que estão divididas em dois polos completamente distintos, vejamos:

Num dos polos da hierarquia global emergente estão aqueles que constituem e desarticulam as identidades mais ou menos à própria vontade, escolhendo-as no leque de ofertas extraordinariamente amplo, de abrangência planetária. No outro polo se abarrotam aqueles que tiveram negado acesso à escolha da identidade, que não têm direito de manifestar as suas preferências e que no final se vêem oprimidos por identidades aplicadas e impostas por outros – identidades de que eles próprios se ressentem, mas não têm permissão de abandonar nem das quais conseguem se livrar. Identidades que estereotipam, desumanizam, estigmatizam. (BAUMAN, 2004, p. 46).

Esse apontamento feito por esse autor nos leva a refletir como nossa sociedade está aprisionada a questões sociais, políticas, culturais entre outras; sendo que até nossa própria liberdade de escolha sobre o que gostamos ou não é manipulada e comandada, especialmente por aqueles que detêm o poder. (BAUMAN, 2005). Em relação a isso, o mesmo nos acrescenta que “na maior parte do tempo, o prazer de selecionar uma identidade estimulante é corrompido pelo medo” (BAUMAN, p.45).

Bauman (2005) ainda nos chama a atenção em relação às pessoas que tiveram seu direito de escolha da identidade ceifado, pessoas cujas vozes foram silenciadas, indivíduos esses esquecidos e que estão à margem da sociedade e, portanto, não possuem identidade. Essas pessoas estão contidas no que Bauman denomina de “subclasse”, a qual, segundo ele:

A subclasse é um grupo heterogêneo de pessoas – como diria Giorgio Agamben—tiveram o seu “bio” (ou seja, a vida de um sujeito socialmente reconhecido) reduzido a “zoe” (a vida puramente animal, com todas as ramificações reconhecidamente humanas podadas ou anuladas). (BAUMAN, 2004, p. 46).

Este grupo de pessoas que o autor denomina de subclasse fazem parte da sociedade, mas a mesma a exclui e menospreza. Neste grupo estão contidas as pessoas de classe baixa, desvalorizadas e que não possuem o poder de fala. Todas essas questões apontadas por Bauman, e especificamente por esse grupo de pessoas que estão inseridas nesta subclasse, a qual está inclusa numa categoria imposta pela sociedade moderna, propõe-nos a refletir sobre o que Bauman (2005 p.47) diz: “e corroborava e reafirmava de forma retumbante a escolha, feita por Marx, da classe como o principal fator determinante da identidade social”.

Partindo para outra ótica, que também corrobora bastante nos estudos sobre identidade, Castells (2018), na obra “O poder da identidade”, especificamente no primeiro capítulo do livro, discorre como ocorre a construção de identidade. Para ele, “do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída” (CASTELLS, 2018, p.55).

Essa construção de identidade constitui-se na identidade social e acontece em circunstâncias rodeadas pelo poder. Castells (2018) delimita três formas e origens para construção de identidade nos indivíduos. São elas: identidade legitimadora, identidade de resistência e identidade de projeto.

Na primeira forma de construção da identidade, temos uma identidade legitimadora, inserida na sociedade através dos que detêm mais o poder e suas instituições dominantes, que buscam cada vez mais controlar e dominar toda a sociedade (CASTELLS, 2018).

Subsequentemente temos a identidade de resistência, que vai justamente confrontar a identidade legitimadora, pois os indivíduos não permitem que haja dominação e imposição. Neste tipo de construção de identidade, encontram-se pessoas que pertencem à classe econômica baixa, em condições desvalorizadas e reprimidas. Porém, defendem a todo custo suas escolhas que são diferentes do que permeiam a sociedade dominante (CASTELLS, 2018).

E, por fim, temos a identidade de projeto que ocorre quando os sujeitos constroem novas identidades a partir de materiais culturais que eles têm acesso e que de alguma forma chamam sua atenção, e possibilitem mudar sua posição na sociedade, como por exemplo, o feminismo (CASTELLS, 2018).

Todos esses tipos de construções de identidades trazidos por Castells são importantes e estão fortemente presentes em nossa sociedade. Para o autor, “cada

tipo de processo de construção de identidade leva a um resultado distinto no que tange à constituição da sociedade” (CASTELLS, 2018, p.56). E, em relação a esses variados processos de construção de identidade, ele ainda nos acrescenta que: “uma questão diversa e extremamente importante diz respeito aos benefícios gerados por parte de cada identidade para as pessoas que a incorporam” (CASTELLS, 2018, p.56).

Essa perspectiva apresentada pelo autor sobre os tipos de formação de identidade é muito interessante, pois é possível observar que para cada processo se obtém um resultado, que às vezes é bom para alguns e outras vezes não, mas que cada um dá origem a algo. Vejamos o que Castells diz a seguir:

A identidade legitimadora dá origem a uma sociedade civil, ou seja, um conjunto de organizações e instituições, bem como uma série de atores sociais estruturados e organizados, que, embora às vezes de modo conflitante, reproduzem a identidade que racionaliza as fontes de dominação estrutural. (CASTELLS, 2018, p.56).

Logo em seguida, o autor nos fala sobre o outro tipo de construção de identidade de resistência, que: “é provável que esse seja o tipo mais importante de construção de identidade em nossa sociedade” (CASTELLS, 2018, p. 57). Mais importante, talvez, pela liberdade de escolha que cada indivíduo tem de fazer parte de uma determinada comunidade ou grupo social. Mas antes que isso ocorra, há um processo de resistência a opressão imposta pela sociedade. Para o autor, esse tipo de formação de identidade é muito importante, pois:

Ele dá origem a formas de resistência coletiva diante de uma opressão que, do contrário, não seria suportável, em geral com bases em identidades que, aparentemente, foram definidas com clareza pela história, geografia ou biologia, facilitando assim a “essencialização” dos limites da resistência. (CASTELLS, 2018, p.57).

Todas essas questões mostram como a sociedade se transformou, e principalmente, como o conceito de identidade mudou. Muito diferente do sujeito do iluminismo apontado por Hall, visto no início deste capítulo, em que tratava o conceito de identidade como algo advindo da essência do homem, agora tratamos de diversas identidades. Temos um conceito de identidade completamente diferente, ligado aos aspectos sociais, ao contexto, às realidades vivenciadas por cada sujeito, ou por cada grupo social.

Partindo para uma nova ótica, Kleiman (1998), também, trata sobre o conceito de identidade, mas nos seus trabalhos, ela apresenta uma perspectiva pautada na Linguística Aplicada.

Segundo a autora, esse tema identidade muito tem a contribuir com os estudos na área da educação, pois a questão da identidade tem sido vista como uma alternativa positiva para solucionar diversos problemas na estrutura da sociedade, que reprime as identidades de pequenos grupos sociais, como pessoas de baixa renda, ou grupos étnicos (KLEIMAN, 1998).

Essa autora apresenta uma perspectiva própria sobre o conceito de identidade. A esse respeito, a mesma afirma que:

[...] a considera como uma produção social emergente da interação, nem inteiramente livre das relações de poder que se reproduzem na microinteração, nem totalmente determinada por estas por força do caráter construtivo, criador de novos contextos da interação, que permitiria, em princípio, a criação de relações novas, em consequência da utilização subjetiva que os interactantes fazem dos elementos objetivamente dados pela realidade social. (KLEIMAN, 1998, p. 271).

Logo depois, em sua obra, ela traz o conceito de identidade sob a luz de teorias como a Psicologia Social que agora não mais relaciona o conceito de identidade à individualidade, mas sim aos aspectos sociais. Para a autora, “mais recentemente, a identidade tem sido definida através da alteridade, da relação com o outro” (KLEIMAN, 1998, p. 272). Ela ainda nos acrescenta que a identidade social é um polo “que envolveria o tipo de interação apoiado em categorias sociais e agrupamentos de pessoas, destacando aquilo que temos em comum com outros de posições sociais semelhantes” (KLEIMAN, p. 273).

Muito diferentemente das perspectivas mais antigas, a visão que se tem hoje em dia sobre o conceito de identidade evoluiu muito. Antes o tema era tido como sinônimo de individualidade, do eu, da essência. Mas como vimos no decorrer deste capítulo, esse conceito mudou muito. Atualmente os aspectos sociais são que dizem muito sobre “identidade”.

Algo bem interessante proposto por Moita Lopes é a questão do “discurso como uma construção social” (MOITA LOPES, 2002, p.31). O discurso é uma ferramenta da linguagem muitíssimo importante, que possibilita a comunicação entre os sujeitos, e o resultado dessa interação entre os mesmos contribui para que cada um construa sua própria realidade social (MOITA LOPES, 2020).

Assim, podemos dizer que o discurso é uma ferramenta importante na construção das identidades sociais, pois como nos afirma (MARKOVA, 1990, *apud* MOITA LOPES, 2002, p. 31) “através da comunicação social as pessoas definem e constroem sua realidade social, dão forma e agem sobre ela”. E como nos acrescenta o próprio Moita Lopes (2002, p.32) “nossas identidades sociais, portanto, são construídas por meio de nossas práticas discursivas com o outro”. De tal modo, também nos reafirma Shotter e Gergen (1989 *apud* MOITA LOPES, 2002, p.32): “as pessoas têm suas identidades construídas de acordo com o modo através do qual se vinculam a um discurso – no seu próprio e nos discursos dos outros”.

Essa perspectiva apresentada por Moita Lopes (2002) sobre o discurso como elemento que reverbera na construção das identidades sociais é muito interessante, pois o autor nos acrescenta que tal construção se dá de maneira processual, nunca de forma fixa e completa, mas como um processo sempre inacabado. A esse respeito, Parmar (1990 *apud* MOITA LOPES, 2002, p. 34) afirma: “as identidades nunca são fixas, mas complexas, diferenciadas e constantemente reposicionadas”.

Algo bem interessante também apontado por Moita Lopes, em seu livro “Identidades Fragmentadas”, trata-se sobre como o poder é um aspecto relevante que está fortemente presente e que molda muitas identidades. As identidades, segundo Kitzinger (1989 *apud* MOITA LOPES, 2002, p.35), “não são propriedades dos indivíduos, mas sim construções sociais, suprimidas ou promovidas de acordo com os interesses políticos da ordem social dominante”.

Como podemos observar, o poder é um fator que interfere na construção da identidade dos sujeitos. Muitas identidades são impostas por pessoas que ocupam maiores posições na sociedade, já outros resistem, como vimos nos tipos de construções de identidade, segundo Castells (2018). Portanto, o poder é um fator que interfere muito nas identidades sociais. A esse respeito, Rutherford (1990 *apud* MOITA LOPES, 2002, p. 37) nos diz: “A escolha de nossas múltiplas identidades não depende de nossa vontade, mas é determinada pelas práticas discursivas, impregnadas pelo poder, nas quais agimos embora possamos resistir a essas práticas”.

Assim, fica claro que os indivíduos que obtêm mais poder conseguem, através dos mais variados tipos de discursos, moldar e controlar os indivíduos, e assim impor as identidades sociais. Mas isso não significa que todos os sujeitos aceitam estas imposições. Sobre isso, Foucault (1979 *apud* MOITA LOPES, 2002, p.36) nos diz: “o

poder gera resistência”, assim, percebe-se que nem todas as pessoas permitirão serem manipuladas e moldadas.

Quando falamos em múltiplas identidades, como nos trouxe Rutherford mais acima, estamos nos referindo às diversas identidades que cada indivíduo possui simultaneamente. Segundo Mercer (1990 *apud* MOITA LOPES, 2002, p.36), “as identidades sociais são estruturadas como uma língua”. Portanto, cada estrutura, como a classe social, sexualidade, profissão, nacionalidade, idade e muitas outras coisas, pode proporcionar ao indivíduo um tipo de identidade que esteja relacionada a aquela determinada estrutura. Sendo assim, é possível que cada sujeito possua várias identidades sociais, pois cada estrutura proporciona ao sujeito um tipo de identidade diferente (MOITA LOPES, 2002).

Em meio a todos esses apontamentos trazidos por vários pesquisadores, sociólogos e linguistas sobre o tema identidade, podemos agora ver como esse conceito evoluiu, e também como o mesmo tem sido um objeto de estudo que despertou o interesse de muitos estudiosos das mais diversas áreas. Diante de tantas perspectivas, que tanto contribuíram para compreendermos melhor sobre o tema identidade, finalizamos destacando algo que observamos ser de comum acordo para muitos pesquisadores e que (MOITA LOPES, 2002, p. 37) nos afirma muito bem: “as identidades não são fixas”.

Com essa citação do autor, encerramos essa primeira parte do segundo capítulo. Agora, na segunda parte, faremos uma breve história sobre o início da Prática Docente, como se desenvolveu, como chegou ao Brasil, e também seus avanços e desafios ao longo dos anos, e como está agora no século XXI.

2.2 Prática Docente

A docência é uma profissão bastante antiga, desde que as pessoas sentiram necessidade de se organizarem em sociedade, já existiam vestígios dessa prática.

Na antiguidade, essa arte já era praticada pelos gregos. O próprio Aristóteles, grande filósofo grego, já exercia a docência, mesmo ainda não tendo status de profissão, ele já a fazia como ofício. Os gregos são modelos de sociedade, além de ser pioneiros quando o quesito é educação e escola, como nos afirma (FREITAS, 2018, p. 289) que nos diz: “essa sociedade que construiu solidamente uma das

primeiras compreensões da Educação e do valor da escola no processo ideal de formação integral do homem”.

Segundo as palavras de Freitas (2018), os gregos deram um grande passo no desenvolvimento da docência, pois foi a partir deles que veio às primeiras noções da educação, da escola, e conseqüentemente da arte de ensinar. Sendo assim, de fato, a docência já era praticada há muitos anos.

Já aqui no Brasil, os primeiros indícios dessa prática docente ocorreram em 1.500, com a chegada dos jesuítas. Mesmo com o intuito exclusivamente religioso de catequizar os índios, foram eles que formaram as primeiras instituições escolares no nosso país, e foi dessa forma que a docência chegou ao Brasil, através desses padres que eram dotados de conhecimentos e traziam técnicas para ensinar. (BRANDENBURG; OLIVEIRA [s.d]). Nesse sentido, Louro (1998 *apud* BRANDENBURG; OLIVEIRA, [s.d], p.2) nos diz: “sejam eles pastores, padres ou irmãos, esses religiosos acabaram por constituir uma das primeiras e fundamentais representações do magistério”.

Como podemos observar nas palavras de Louro, os jesuítas marcaram nossa história por várias questões, uma delas foi, de fato, por terem sido os primeiros a exercerem a prática docente no Brasil.

Se formos analisar a origem e o significado da palavra ‘docência’, vemos que ela vem do latim “docens”, “docentes”, partícipio presente de docere, ‘ensinar’. A docência consiste no ato de doutrinar, repassar conhecimentos, lecionar, repassar e partilhar com o outro seus conhecimentos (BRANDENBURG; OLIVEIRA [s.d.]).

Durante muito tempo, o ensino esteve nas mãos dos jesuítas, que nem sequer tinham formação específica para ensinar. Eles fundaram muitas escolas no Brasil, e possuíam todo domínio da educação. Depois que eles foram expulsos, a educação passou a ser dominada pelo estado. No decorrer dos anos foram surgindo as escolas estaduais, municipais, rurais e até particulares (BRANDERBUG; OLIVEIRA [s.d.]).

Mesmo com o surgimento de novas escolas, o quadro da educação não avançou muito e permaneceu estático por muito tempo, sem muitos avanços. Foi somente a partir da Revolução Industrial que esse quadro mudou (SÁ; NETO, 2016).

A Revolução Industrial foi um período marcado por grandes avanços, primeiro na Europa e depois em vários outros países do mundo. E foi exatamente a partir desse tempo que a educação passou a ter alguns avanços e a sociedade, então, passou a

perceber a sua importância. Foi graças a esse período, marcado pelo crescimento da indústria, que houve grande necessidade e aumento de mão de obra qualificada. As pessoas perceberam que precisavam se capacitar, e mais, que necessitavam de profissionais para tal. Esse período da revolução industrial trouxe grandes melhorias para a educação, e conseqüentemente, para a prática docente no Brasil (SÁ; NETO, 2016).

Sendo assim, observa-se que tanto o surgimento como o aumento do fluxo de profissionais docentes aconteceram devido a necessidades de organização da própria sociedade, como também para o desenvolvimento social da mesma (SÁ; NETO, 2016).

2.3 O Desenvolvimento da Prática Docente após os séculos XX e XXI

O advento da Revolução Industrial deixou resquícios, dentre eles, o aumento na demanda de profissionais para lecionar. Em função disso, o ano de 1920 foi marcado por discussões sobre o Ensino Superior, e houve, então, algumas propostas para criação de cursos superiores para qualificação de docentes. Dez anos depois, em 1930, esses cursos foram consolidados (SÁ; NETO, 2016).

Algo bastante importante para a educação ocorreu em 1931, com a criação do Ministério da Educação. E três anos depois, em 1934, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, doravante (LDB), foi mencionada na constituição (SÁ; NETO, 2016).

Apesar da criação do Ministério da Educação, quase dez anos depois, ainda não havia quaisquer “diretrizes e nem bases para a educação brasileira”. BR (1996 *apud* BRANDENBURG; OLIVEIRA, [s.d.] p.03). A ausência de investimentos e propostas de melhorias na Educação, como também, a falta de políticas públicas que investissem na mesma, ocasionou um processo de descaracterização e desvalorização da prática docente (KIMURA *et.al.*, 2012).

Diferentemente de outras profissões que possuíam normas e investimentos, a docência sempre foi uma profissão marcada por questões como: falta de reconhecimento, falta de apoio, falta de investimentos para formação e qualificação profissional, entre outros. Segundo Veiga (2005 *apud* SÁ; NETO, 2016, p. 10), o termo profissão “[...] é utilizado para identificar um grupo altamente formado, competente, especializado e dedicado, que corresponde efetiva e eficientemente à confiança pública”.

Tendo em vista as considerações apresentadas nesta pequena trajetória que fizemos sobre a Prática docente, desde o início do seu desenvolvimento – primeiro como ofício, e muito tempo depois como profissão – e sua evolução aos longos dos anos até agora, no século XXI, passamos para a última parte desta pesquisa. Neste capítulo três, nos dedicaremos a fazer logo no início um pequeno esboço sobre o gênero notícia, subsequentemente, apresentaremos o nosso corpus e suas respectivas análises.

CAPÍTULO III

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresentaremos nossos procedimentos metodológicos. Para tanto optamos pela análise de conteúdo, e faz-se necessário esclarecermos que, conforme Carlomagno, Rocha (2016, p.2), “a metodologia de análise de conteúdo foi destacadamente desenvolvida durante a Segunda Guerra Mundial, pela divisão experimental para o estudo de comunicação em tempos de guerra”, do congresso dos Estados Unidos, sob coordenação de Harold Lasswell.

Em conformidade com o que vimos, a partir desse desenvolvimento de metodologias de análises de conteúdo, é possível criar categorias de análises para qualquer tipo de pesquisa. Sejam elas de caráter descritivo, ou outras formas mais específicas e modernas (CARLOMAGNO; ROCHA, 2016). Por sua vez Janis (1982 [1949] *apud* CARLOMAGNO; ROCHA, 2016, p.3) acrescenta que:

A análise de conteúdo fornece meios precisos para descrever o conteúdo de qualquer tipo de comunicação: jornais, programas de rádio, filmes, conversações quotidianas, associações livres, verbalizadas, etc. As operações da análise de conteúdo consistem em classificar os sinais que ocorrem em uma comunicação segundo um conjunto de categorias apropriadas. (JANIS 1982 [1949] *apud* CARLOMAGNO; ROCHA, 2016, p.3).

Portanto, em consonância com a citação desse autor, há inúmeras formas de analisar um conteúdo, dependendo do uso adequado das categorias de análises. Sendo assim, utilizaremos nesta pesquisa a análise de conteúdos com base em duas categorias específicas, e com foco no gênero notícia.

O nosso corpus pertence ao domínio jornalístico, são notícias coletadas de um jornal, elas foram retiradas do Jornal da Paraíba (JPB) online, no período entre 2010 e 2020, destacando as notícias que mencionavam sobre a Prática Docente no Brasil.

A escolha do Jornal da Paraíba deve-se ao fato de que é o maior do estado da Paraíba e com maior alcance de público, como também pelo fato de que a maioria dos principais Jornais online do país exigirem assinatura paga para poder ter acesso ao acervo; já o Jornal da Paraíba possui livre acesso às notícias reportadas. Nós entramos em contato com o Jornal, explicamos nossa pesquisa, e o Jornal autorizou que usássemos as notícias como corpus de análise.

Nossa escolha pela forma do Jornal ser online, deve-se ao fato de maior acessibilidade e rapidez, que é bem maior de forma online do que se fôssemos comparar ao acesso com a versão impressa.

O corpus geral constitui-se de cinco notícias que falam sobre a prática docente, porém só foram expostas a análise de três notícias, que são nosso corpus específico. A escolha dessa quantidade ocorreu pelo fato de que, em um período de dez anos, encontramos poucas notícias nesse Jornal que contemplassem esse assunto, como também, porque queríamos nos dedicar a um recorte mais específico.

Nosso objetivo é analisar como o Jornal da Paraíba noticia a prática docente, para, a partir de então, averiguarmos a identidade atribuída a esta prática. As categorias de análises que utilizamos foram:

- (1) Acesso discursivo;
- (2) Análise dos títulos das notícias.

Dentre as notícias selecionadas, duas retratam questões salariais: “Docentes protestam pelo piso salarial”; e “Docentes de instituições federais mantêm greve”. Uma terceira reporta a temática sobre a violência: “Docentes denunciam agressões em escola”. E as outras duas apontam aspectos como desvalorização e exaustão nessa profissão docente: “Docentes nos país não recomenda a própria profissão” e “Estudo detecta exaustão em 65% dos docentes da rede pública de João Pessoa”.

A seguir, temos uma tabela composta pelo corpus geral, na qual estão contidos o título de cada notícia e também a data em que foram publicadas.

TABELA 01: Corpus Geral

Data de Publicação	Notícias
21/11/2010	“Estudo detecta exaustão em 65% dos docentes da rede pública de JP”
15/05/ 2012	“Docentes de instituições federais mantêm greve”
30/05/2012	“Docentes denunciam agressões em escola”
14/09/2012	“Docentes protestam pelo piso salarial”
30/07/2018	“Metade dos docentes no país não recomenda a própria profissão”

Fonte: Dados organizados pela autora (2020).

Nessa segunda tabela está o nosso corpus específico, com as notícias que serão expostas as análises. As demais notícias não expostas nesta parte estão nos anexos apresentados no final do trabalho.

Tabela 02: Corpus Específico

Data de Publicação	Notícias
21/11/2010	“Estudo detecta exaustão em 65% dos docentes da rede pública de JP”
15/05/ 2012	“Docentes de instituições federais mantêm greve”
30/07/2018	“Metade dos docentes no país não recomenda a própria profissão”

Fonte: Dados organizados pela autora (2020).

Vale ressaltar que a escolha dessas três notícias como corpus específico deve-se ao fato de que alguns dados encontrados nelas são recorrentes nas outras notícias. Na próxima seção, traremos algumas considerações sobre o gênero notícia, o qual foi escolhido como objeto de análise para essa pesquisa monográfica.

3.1 Uma breve introdução ao gênero notícia

Segundo Bennassi (2009, p. 1793), “a notícia é um formato de divulgação de um acontecimento por meios jornalísticos”. Já para Lustosa (1996, p. 17), “notícia é a técnica de relatar um fato” ou, ainda, “é o relato do fato, não o fato”. Podemos dizer que o gênero notícia é bastante antigo e muito utilizado pela sociedade. Essa afirmação se confirma através de muitos pesquisadores da área da comunicação que dizem “que as notícias existem muito antes do surgimento dos jornais, das revistas, dos rádios, da TV e da internet (BENNASSI, 2009, p.1974).

Seu primeiro meio de transmissão foi oralmente, no popular, “boca a boca”, em que as pessoas falavam umas para as outras as notícias que sabiam. Em épocas bastantes antigas, os nobres é que se encarregavam de transmitir à população informações importantes. Havia, também, os chamados mensageiros, que eram pessoas que recebiam a incumbência de levar as notícias para um determinado lugar (BENNASSI, 2009).

Conforme Dolz e Schneuwly (1996 apud BENASSI, 2009, p. 1791), “o gênero discursivo notícias jornalísticas são pertencentes à ordem do relatar”. Já Van Dijk (1990) apresenta uma perspectiva própria sobre esse gênero. Ele desenvolveu uma teoria interdisciplinar da notícia na imprensa. Segundo o pesquisador, “as notícias na imprensa são um tipo específico de discurso da mídia” (1990, p. 14) e devem ser analisadas como um texto ou discurso jornalístico.

No entanto, o autor nos esclarece que o termo notícia envolve diversos sentidos, mas quando pensamos em conceituá-los, nos vem logo em mente que ele “significa novas informações” (VAN DIJK, 1990, p. 17). O pesquisador ainda explica que essa noção sobre notícia defendida por ele é comum e compactuada por todos, mas a ideia defendida sobre o gênero envolve a mídia e a comunicação em massa.

Para entendermos melhor essa teoria do pesquisador, vejamos algumas considerações que ele tece sobre o conceito de notícia na mídia, em uso jornal. Diante disso, ele destaca os seguintes aspectos:

1. Novas informações sobre eventos, objetos ou pessoas;
2. Um programa padrão (televisão ou rádio) em que eles apresentam artigos jornalísticos.
3. Um item ou relatório jornalístico, como um texto ou fala no rádio, na televisão ou no dia rio, que oferece novas informações sobre eventos recentes.(VAN DIJK, 1990, p. 17).

Outro detalhe importante relativo à noção de notícia sob a ótica desse autor, é que na sua obra ele também trata da questão da ideologia, que conforme o teórico “apesar da crença ideológica de muitos jornalistas, o sentimento que a notícia deve apresentar são apenas os fatos e não a opinião” (VAN DIJK, 1990, p. 19). Diante disso, o pesquisador ainda acrescenta:

A notícia não é caracterizada como uma imagem da realidade, que pode ser correto ou deformado, mas como uma moldura através da qual rotineiramente constrói o mundo social. Nesse caminho, repórteres se movem dentro de uma rede -que constitui uma meca-organizacionalismo estratégico que deve ser implantado no fontes de informação da forma mais eficaz possível. (VAN DIJK, 1990, p. 22).

Também é possível inferir que, dentro desse universo de produção das notícias, há certa influência do poder entre as organizações e instituições jornalísticas, o que possibilita que muitas notícias sobre determinados eventos, sejam negociadas mediante a vontade dessas instituições. (VAN DIJK, 2009).

Isso nos leva a acreditar que as notícias exibidas pela mídia não são totalmente claras, pois há por trás jornalistas que passam essas eventuais informações, não de forma transparente, mas sim moldadas segundo uma hierarquia de poder. A esse respeito, Van Dijk afirma: “a mídia [...] ajuda a reproduzir ideologias reformuladas” (VAN DIJK, 1990, p.28).

A fim de compreendermos melhor como esses elementos citados anteriormente fazem sentido, esse teórico traz em seu livro alguns exemplos que nos ajudam a estabelecer uma visão da mídia em massa. Como ilustração, e ancorado nos estudos de Hall, Critcher, Jeferson, Clarke e Robertes (1978), ele nos mostra um exemplo de como a imprensa britânica noticia ondas criminosas de roubos, que, segundo Van Dijk, são sempre atribuídas a grupos sociais específicos na sociedade como jovens e homens negros, e isso contribui demais para a criação de estereótipos de alguns grupos minoritários. Outros casos também são mostrados, vejamos:

De uma forma muito parecida com a forma como as notícias presta mais atenção aos conflitos de negócios do que aos acidentes amassados industriais, dá atenção mínima consistentes ações negativas tomadas contra as mulheres (como a violação), ou mesmo coloca essas ações em uma estrutura sensacionalista ou sexista. Da mesma forma, muitos outros tópicos não podem nem mesmo serem encontrados nas notícias sobre mulheres, como seus história, sua luta política ou seu papel como mão de obra barata em indústria, escritórios ou casa. Desta e de outras maneiras sutis erupção cutânea, dominância masculina na mídia reprodutiva. Isso induz o domínio masculino em toda a sociedade. Grupos étnicos ou imigrantes são apresentados na mídia de uma forma semelhante. (VAN DIJK, 1990, p. 29).

Observou-se que há diversas definições sobre notícia, as quais são usadas há muitíssimo tempo. Hoje em dia ela tem ganhado um espaço bem maior na sociedade. As pessoas estão todo o tempo buscando se informar sobre os acontecimentos do seu país e de todo o mundo, e assim os veículos de comunicação, nas mais diversas esferas, têm ganhado uma proporção enorme. No entanto, convém ressaltar que “o texto noticioso precisa conquistar e reconquistar o público continuamente, e disputar espaço com a televisão e outros meios, ainda mais em um país com restrita tradição de cultura escrita”. (BENNASSI, 2009, p. 1793).

Apresentaremos agora para as análises das notícias, que foram coletadas de forma online no Jornal da Paraíba (JPB) em um período correspondente de 2010 a 2020.

3.2 Construção de Identidade da Prática Docente

Conforme nos afirma Van Dijk (2008, p. 90), “padrões e estratégias de acesso discursivo podem ser explicitados em praticamente todos os domínios sociais, instituições, profissões, situações e gêneros”. Assim, selecionamos o acesso discursivo como categoria principal para análise do corpus e destacamos outros aspectos recorrentes nas notícias como categorias secundárias. Dentre elas, a análise dos títulos das notícias, que elencamos como segunda categoria.

A primeira notícia analisada é do ano de 2010. O jornal mostrou um estudo que detecta exaustão em 65% dos docentes da rede pública de JP. O jornal dá acesso discursivo a diferentes atores sociais: à psicóloga que realizou o estudo pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e aos professores de João Pessoa que participaram da pesquisa. Vejamos:

Exemplo 01

Estudo detecta exaustão em 65% dos docentes da rede pública de JP

Maioria dos entrevistados apresentou sintomas

Karoline Zilah com informações da Fiocruz

A síndrome de Burnout é uma doença do trabalho que já tem sido considerada caso de saúde pública na opinião dos especialistas. As pressões psicológicas no ambiente profissional, o desprestígio social e a falta de motivação tanto por parte do funcionário quando de seu empregador tem sido apontada como as principais causas para esgotamento físico e mental. A frase de uma professora do ensino fundamental em João Pessoa resumi o drama desta situação: "Hoje o trabalho do professor é muito estressante: meu sofrimento é o meu trabalho".

A frase foi dita durante pesquisas da psicóloga Jaqueline Brito com professores da rede pública do ensino de João Pessoa. Em contato com 265 professores, ela percebeu que 65% apresentavam alto nível de exaustão emocional por causa do trabalho. “Trabalhar com gente adocece, E não é pouco. E não é estresse físico, é mental fechar ”, revela.

Jaqueline desenvolveu um estudo sobre o assunto pela Fundação Oswaldo Cruz (Fio Cruz) de Pernambuco e concluiu que a realidade detectada em João Pessoa pode ser estendida a muitos outros professores do país, que são submetidos a condições de trabalho semelhantes.

O estudo verificou que 23,4% dos professores do nível fundamental apresentaram alto nível de despersonalização, 55,5% alto nível de exaustão emocional e 85,7% alto nível de realização pessoal no trabalho.

A psicóloga explica que este último percentual, embora pareça contraditório, é na verdade uma característica da síndrome de Burnout. As pessoas não atribuem ao trabalho a razão da sua estafa física e emocional.

Profissionais não reconhecem que sofrem da doença

Foi exatamente este o quadro apresentado pela pedagoga Cleoneide Jerônimo, de 42 anos. Sempre disfarçada para fazer o seu melhor junto aos alunos, ela não reconhecia que estava doente porque pensava que o sentimento de exaustão era uma fraqueza de sua parte.

Professoras das redes públicas estadual e municipal em João Pessoa, ela sempre teve uma jornada tripla de trabalho: foram 20 anos de sala de aula, além de especialização e mestrado.

Apesar de administrar o tempo, aos 37 anos de idade ela começou a apresentar uma forte crise de labirintite. Procurou o médico e voltou para casa com receita de medicamento para tratar o problema, mas não percebeu que sua situação estava além os sintomas físicos.

Quando sai da crise, tentei voltar a minha rotina, mas senti dificuldade em administrá-la principalmente em sala de aula, pois não consegui organizar-me como de costume. Entretanto, só associei tais problemas a síndrome três anos depois, quando fiz parte da pesquisa da professora Jaqueline. Foi a partir do monitoramento da pesquisa que percebi que não sofria só o estresse causado pela labirintite, mais um conjunto de fatores que me adoecia. E o pior é que eu não reconhecia como doença, e pensava que se tratava de uma fraqueza de minha parte, pois eu sempre dei o melhor de mim em tudo que fazia.

No caso de Cleoneide, não foi preciso terapia, nem medicamentos para se tratar: o fato de admitir os sintomas foi um grande passo para recuperação. "Só o fato de reconhecer as causas da doença foi o suficiente para não adoecer mais. Passei a respeitar meus limites, buscando o equilíbrio entre profissão, família, estudos, lazer e priorizando sempre o meu bem-estar", explica.

"Hoje sei que sou melhor profissionalmente e acredito que conhecer os fatores da síndrome de Burnout me proporcionou um conhecimento que vou levar para a vida: trabalhar com ser humano, como também a busca de conhecimentos, não precisa ser algo que me consuma, e sim algo gratificante. Mas para isso é preciso pôr em prática diariamente a grande lição do Mestre dos Mestres: conhece a ti mesmo", complementa.

Falta de estímulo na profissão

Segundo a psicóloga Jaqueline Brito, o quadro apresentado na pesquisa se deve a fatores sociais, ambientais e pessoais sempre relacionados ao trabalho.

"O que pode ser feito para reverter a situação é considerar os aspectos da realidade do professor, o que inclui gestores alunos, família dos alunos, família dos professores e colegas de trabalho", revela a pesquisadora.

Segundo ela, também é possível desenvolver medidas com o objetivo de minimizar as consequências do desconforto das salas de aula na saúde dos docentes. Outra alternativa é a construção de um serviço multidisciplinar de atenção à saúde do professor para proteger e recuperar a saúde dos profissionais, incluindo em programas de combate ao estresse.

BURNOUT; CANSAÇO; CRISE; DOENÇA; ESGOTAMENTO; EXAUSTÃO; SÍNDROME; SINTOMA; TRABALHO.

(Notícia publicada em 21.11.2010, às 08h11, pelo JPB Online. Atualizado há 10 anos)

Segundo o título ora analisado, "Estudo detecta exaustão em 65% dos docentes da rede pública de JP", pode-se notar que a mídia vem tratando os textos relacionados à educação no Brasil, de modo negativo, reportando sempre a desvalorização da profissão docente. O título e o primeiro parágrafo da notícia revelam que mais da metade dos docentes da rede pública de JP estão acometidos pela síndrome de Burnout. Com base no assunto tratado, as vozes dos docentes e da psicóloga, Jaqueline Brito, permeiam o texto, por meio de citações diretas.

A síndrome de Burnout é uma doença do trabalho que já tem sido considerado caso de saúde pública na opinião dos especialistas. As pressões psicológicas no ambiente profissional, o desprestígio social e a falta de motivação, tanto por parte do funcionário quanto de seu empregador, têm sido apontadas como as principais causas para o esgotamento físico e mental.

A dedicação excessiva à atividade profissional é uma peculiaridade exacerbada de Burnout, mas não a única. A vontade de ser o melhor sempre e evidenciar alto grau de desempenho em sua função é outra etapa relevante da síndrome, eis que o portador determina a autoestima pela vontade de concretização e sucesso profissional. O que tem início com satisfação e prazer termina quando esse desempenho não é reconhecido.

Uma paciente da Psicóloga Jaqueline Brito, que participou da pesquisa e é professora da rede pública de ensino de João Pessoa, tem acesso discursivo dado pelo jornal logo no início da notícia, através do discurso direto, vejamos: "Hoje o trabalho do professor é muito estressante: meu sofrimento é o meu trabalho". Esse

discurso apresenta itens lexicais que trazem uma carga semântica que une a palavra sofrimento a trabalho que possivelmente indica que, o trabalho como docente é ruim, o trabalho como professor causa sofrimento.

Algo que também nos chama atenção é que esse discurso ganha uma ênfase maior pelo fato de vir logo no primeiro parágrafo da notícia, o que nos leva a apontar que o jornal optou por dar mais destaque e acesso aos discursos negativos do que positivos sobre a docência.

No parágrafo seguinte, destacamos outro discurso direto de um dos professores que participaram da pesquisa, que afirma: “trabalhar com gente adoce, e não é pouco. Não estresse físico, é mental”. Como percebemos, temos a recorrência da palavra estressante, e o item lexical “adoce”, dessa maneira acreditamos que a seleção desses dois discursos e a posição que eles se encontram, logo no início da notícia, tenha sido escolhido de forma proposital.

O quadro apresentado na notícia enquadra-se em fatores sociais, ambientais e pessoais, sempre relacionados ao trabalho, originando-se da discrepância da percepção individual entre esforço e consequência, percepção esta influenciada por fatores individuais, organizacionais e sociais. Neste sentido, tal necessidade se transforma em aversão e compulsão; o portador sofre, além de problemas psicológicos, grande desgaste físico, fadiga e exaustão.

Os indivíduos podem desenvolver sintomas não específicos, como: sentimento de frustração, irritação, ansiedade e medo. Eles também podem expressar uma incapacidade de sentir felicidade, alegria, prazer ou contentamento. Embora haja um sentimento de desvalorização devido aos baixos salários, o professor anseia por um salário melhor, e se isso não ocorrer ele não será considerado um profissional e, portanto, como saída, muitos professores procuram se demitir pois não veem a sua profissão reconhecida e valorizada.

Assim, mesmo que sinta que não reconhece seus esforços, repetidamente, o professor acaba sendo levado para trás, acreditando que o sacrifício é razoável e necessário para a realização da aula, condenado por avaliação negativa de si mesmo e profissionais e, em última instância, depressão e tristeza com muito pesar para realizar atividades, pensamentos constantes e sentimentos negativos que comprometem a vida social. Justamente para compensar com baixos salários e ganhar mais, muitos professores procuram horas de trabalho mais intensivas, tendo

mais aulas e muitas vezes trabalhando em mais de uma escola e mais de uma vez por dia.

Já quase no final da notícia o jornal volta a dar acesso direto a outra professora que participou da pesquisa. No entanto, agora de forma positiva, vejamos:

"Hoje sei que sou melhor profissionalmente e acredito que conhecer os fatores da síndrome de Burnout me proporcionou um conhecimento que vou levar para a vida: trabalhar com ser humano, como também a busca de conhecimentos, não precisa ser algo que me consuma, e sim algo gratificante. Mas para isso é preciso pôr em prática diariamente a grande lição do Mestre dos Mestres: conhece a ti mesmo".

Nesse discurso é possível vermos o outro lado da história, em que o jornal mostra através do discurso da professora que, apesar de muitos educadores serem acometidos pela síndrome de Burnout, a docência tem sim os seus encantos, e que ensinar é gratificante. No entanto, salientamos que o acesso aos discursos dos professores foi maior que os positivos, como também a posição de destaque que esses mesmos discursos tiveram no início da notícia.

Assim, acreditamos que a mídia reporta de maneira negativa à profissão, como lacuna da política de valorização dos profissionais da educação e falta de comprometimento do poder público, que não cumpre as legislações vigentes, e acaba dando margem para que o Brasil seja um dos países no mundo que pagam os piores salários aos professores. Além disso, o título da notícia corrobora bastante para essa desvalorização, visto que o item lexical "exaustão" permite atribuir logo de início uma péssima visão da prática docente, levando o leitor a entender que a docência é uma profissão que causa exaustão.

Enfim, a análise dessa notícia viabilizou o início de um caminho sobre a construção identitária da prática docente, que conforme vimos pode ser percebido através do acesso discursivo dado pelo jornal, que especificamente nesta notícia, optou por reportar aspectos mais negativos do que positivos.

Exemplo 02

Metade dos docentes no país não recomenda a própria profissão

Um terço dos pesquisados estão totalmente insatisfeito com a docência.

No Brasil, metade dos professores não recomendaria a um jovem se tornar educador, por considerar a profissão desvalorizada, revela a pesquisa Profissão Docente, iniciativa da organização Todos pela Educação e do Itaú Social. De acordo com levantamento feito pelo Ibope Inteligência em parceria com a rede com Conhecimento Social, a maioria (78 %) dos professores disse que escolheu a carreira principalmente por aspectos ligados à afinidade com a profissão.

Entretanto, 33% dizem estar totalmente insatisfeitos com atividade docente e apenas 21 % estão totalmente satisfeitos.

Durante a pesquisa foram entrevistados 2.160 profissionais da educação básica em redes públicas municipais estaduais e da rede privada de todo o país, sobre temas como a formação, trabalho e valorização da carreira. A amostra respeitou à proporção de docentes em cada rede, etapa de ensino região do país segundo dados do censo escolar da educação básica Mec/Inep.

Professores dizem que falta continuidade de boas políticas e alinhamento dos programas educacionais com a sala de aula- Arquivo/Agência Brasil.

Para o diretor de políticas educacionais da organização todos pela Educação Olavo Nogueira Filho, os dados são preocupantes. Ele reforçou a necessidade de repensar a valorização da carreira dos professores brasileiros. “Há bastante tempo conhecemos o desafio da desvalorização do docente, da falta de prestígio em relação à carreira, mas acho que os novos dados chegam para reforçar e, mais uma vez, mostrar que temos um longo caminho a ser trilhado na educação, no que diz respeito à valorização da carreira”, afirmou.

Formação

Os docentes apontam como medidas mais importantes para a valorização da carreira, a formação continuada (69%) e a escuta dos docentes para formulação de políticas educacionais (67%). Eles consideram urgente a restauração da autoridade e o respeito à figura do professor (64%) e o aumento salarial (62%).

Para o diretor Nogueira Filho, os números passam relevante mensagem no sentido de desmistificar o centro comum, que coloca a questão salarial com o principal problema para carreira docente no país

“O debate, de modo geral, tem colocado ênfase, de maneira quase isolada, na questão salarial. E, de fato, esse ponto surge no conjunto das principais medidas que as pessoas entendem como importantes para valorizar a carreira, mas não aparece na pesquisa como fator principal. Acho que isso traz uma questão importante sobre a discussão da valorização que precisa ir além da questão do salário.”

A remuneração média dos professores no Brasil atualmente, segundo a pesquisa é de 4.451,56. A maioria dos docentes (71 %) tem a profissão como a principal renda da casa e 29% afinar de outra atividade como fonte de renda complementar.

Dados mostram que a falta de confiança entre o professor e a secretaria de estaduais e municipais de educação é desafio a ser enfrentado - Marcelo Casal Jr/agência Brasil

Segundo a pesquisa, um em cada três professores tem contrato com carga horária de menos de 20 horas semanais, o que pode ter impacto na renda e no comprimento de um terço da carga horária, prevista na Lei do Piso do Magistério para atividades extraclasse. Pelo menos 58 % dos professores afirmam ter tempo remunerado fora da sala de aula.

Contudo, somente cerca de trinta por cento dos docentes dispõem de aproximadamente ou mais de um terço da carga horária para planejamento de aula.

Políticas públicas

Os professores ouvidos pela pesquisa consideram que é papel das secretarias da Educação oferecer oportunidades de formação continuada (76%), mas não concordam que programas educacionais, com um todo, estejam bem alinhados à realidade da escola (66 %) Apontam a falta um “bom canal de comunicação” entre a gestão e os docentes (64%), e dizem que não há envolvimento dos professores nas decisões relacionadas às políticas públicas (72%). Também consideram aspectos ligados à carreira mal atendidos, como apoio à questão de saúde e psicológicas (84%) e o salário 73%.

Falta de confiança

Para o diretor de políticas educacionais da organização todos pela Educação Nogueira Filho os dados mostram que a falta de confiança entre professor e as secretarias estaduais e municipais de educação é outro desafio a ser enfrentado. “Uma parcela significativa dos professores diz não acreditar que a secretaria tem lançado mão de políticas que tenham aderência à sua escola e, mais do que isso, mostram descrença com relação ao próprio compromisso da secretaria para com a aprendizagem dos alunos”.

O governo federal anunciou, em fevereiro deste ano, o aporte de R\$ 1 bilhão para a Política Nacional de Formação de professores, com o objetivo de financiar 190 mil vagas em três diferentes iniciativas para formação docente: o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), o Programa de Residência Pedagógica e a Universidade Aberta do Brasil (UAB).

“São políticas que apontam no sentido correto e desejável, mas, considerando o tamanho do desafio, é razoável dizer que são insuficientes para, de fato, reverter o cenário que a pesquisa traz no que diz respeito à valorização da profissão, das estruturas da carreira e da qualidade da formação, tanto do ponto de vista inicial quanto continuado”, disse.

O diretor ressaltou a necessidade de mudança estrutural na formação inicial dos docentes. Na sua opinião, o governo federal pode ter papel importante na

indução de melhorias a partir da criação de parâmetros de estruturação de carreira que possam ser seguidos pelas secretarias de educação.

Procurados pela reportagem, o Ministério da Educação e o Conselho Nacional de Secretário da educação (Consed) não se manifestaram até o momento de publicação da matéria.

(Notícia publicada em 30.07.2018, às 14h07, pelo JPB Online. Atualizado há 02 anos)

Na notícia intitulada “Metade dos docentes no país não recomenda a própria profissão”, podemos perceber a desvalorização da profissão docente pelos próprios profissionais. Os dados são da pesquisa “Profissão Docente”, iniciativa do Todos Pela Educação e do Itaú Social realizada pelo Ibope Inteligência em parceria com a Conhecimento Social. O texto analisado reporta de maneira negativa à profissão.

O título diz respeito a participação discursiva dos profissionais docentes, pelo verbo “recomendar”, em relação ao assunto tratado. O que também nos chama atenção é que antes do uso do verbo “recomendar”, o jornal utiliza no título o item lexical “não”, expressando negação; ou seja, metade dos docentes não indicam como bom, como digno, a profissão docente.

Os discursos reportados que permeiam o texto, por meio de citações diretas, provêm dos representantes da Educação no país. Vejamos:

Entre os entrevistados, 49% dos entrevistados "certamente não recomendariam" a profissão para um jovem. Entre algumas das palavras mais usadas pelos professores para as razões de recomendação ou não da profissão docente, se destacam as relacionadas à não recomendação, como a valorização, o salário e o reconhecimento.

Nesta afirmativa acima, fica claro o descontentamento docente com a profissão que vem sendo cada vez menos valorizada e cada vez mais estigmatizada, eis que já não estimula os jovens a abraçarem-na, em razão ao salário ínfimo e ausência de reconhecimento.

Mais do que desafios, os resultados da pesquisa revelam oportunidades para a valorização docente que são factíveis e podem ser alcançadas em um período de curto e médio prazo, uma vez que a Educação seja, de fato, prioridade na gestão, e o professor seja entendido como ator central de um projeto de educação.

Segundo a pesquisa, os professores entendem que é papel da Secretaria de Educação oferecer oportunidades de formação continuada (76%), mas não concordam que os programas educacionais como um todo estão bem

alinhados à realidade da escola (66%). Apontam ainda que falta um bom canal de comunicação entre a gestão e os docentes (64%), e que não há envolvimento dos professores nas decisões relacionadas a políticas públicas (72%). Também consideram aspectos ligados à carreira mal atendidos, como o apoio à questões de saúde e psicológicas (84%), e o salário (73%).

A Secretaria de Educação é uma entidade que faz a gestão das políticas municipais da área. Ela coordena e conduz os processos da secretaria, favorecendo que a equipe trabalhe de maneira articulada para consolidar o plano de governo da prefeitura e cumpra o planejamento estratégico estabelecido.

Assim, a alternativa apresentada no texto, de onde este trecho foi extraído, é mudar esse quadro de desvalorização da profissão, oferecendo: oportunidades de formação continuada alinhados à realidade da escola, um canal de comunicação entre a gestão e os docentes e mais envolvimento dos professores nas decisões relacionadas a políticas públicas, atendimento e apoio às questões de saúde e melhoria de salário. Desta forma, o fragmento do texto acima extraído evidencia uma vinculação do texto ao discurso do Ministério da Educação, que é o braço do governo responsável pela elaboração e execução da Política Nacional de Educação (PNE).

Ao observarmos os acessos discursivos dados pelo jornal nesta notícia, podemos destacar que o jornal faz questão de dar maior espaço ao discurso do diretor de políticas educacionais todos pela educação, Olavo Nogueira Filho, que, durante muitas vezes no texto, emite seu discurso através de citações diretas. Também é possível perceber que o jornal faz questão de divulgar o discurso do diretor que afirma:

Há bastante tempo conhecemos o desafio da desvalorização do docente, da falta de prestígio em relação à carreira, mas acho que os novos dados chegam para reforçar e, mais uma vez, mostrar que temos um longo caminho a ser trilhado na educação, no que diz respeito à valorização da carreira”,

Enfim, acreditamos que o jornal dá mais acesso ao discurso do diretor por questões relacionadas ao poder, como também porque seu discurso, logo na primeira linha, enfatiza a desvalorização que há no Brasil da prática docente.

Exemplo 03

Docentes de instituições federais mantêm greve

Para marcar o início da luta da categoria, professores da UFC promoverão uma mobilização na quinta-feira (17) em frente a universidade.

Após recusar por unanimidade a proposta do governo federal de reajuste de 4% de salário e incorporação das gratificações, os docentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes) vão manter a greve para próxima quinta-feira. Para marcar o início da luta da categoria, os professores da Universidade Federal de Campina Grande UFCG promoveram uma mobilização na quinta-feira, a partir das 8h, em frente à universidade, no bairro de Bodocongó, e será realizada uma panfletagem que contará com a participação do Diretório Central dos Estudantes (DEC) e outros servidores que também irão paralisar as atividades neste dia

A reestruturação da carreira docente, descumprida pelo governo federal e a valorização do piso e incorporação das gratificações e melhoria das condições de trabalho dos docentes foram as principais reivindicações da classe que vai deixar os sete Campi da UFCG- Campina Grande, Patos, Sousa, Pombal, Cajazeiras, Sumé e Cuité- e mais de 15 mil alunos sem aula durante um período indeterminado. Segundo Gonzalo Rojas presidente da associação dos docentes da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, os 1.200 professores que irão paralisar as aulas estão determinados e seguir lutando por suas reivindicações.

“Iremos aproveitar que a quinta-feira já estava marcada uma paralisação de todos os servidores federais para fazer uma mobilização para reforçar que nossa luta será mantida, mesmo com a proposta de aumento do governo federal. Nossa luta é pela reestruturação da nossa carreira, que é algo maior do que um aumento de 4%, que a proposta do governo”, assegurou Gonzalo reprovando a Medida Provisória (MP) proposta aos docentes.

A Reitoria da UFCG lamentou a greve da categoria, já que os prejuízos poderão ser muito grandes para a instituição e, principalmente, para o corpo de estudante. Segundo o reitor Thompson Mariz, a partir de agora vai começar mais uma fase de negociações com Associação dos docentes da UFG para que a greve seja encerrada o mais rápido possível e que o quadro de discentes não sofra passando muito tempo com as várias atividades acadêmicas paradas.

(Notícia publicada em 15.05.2012, às 06h06, pelo JPB Online. Atualizado há 09 anos)

Conforme a notícia veiculada no Jornal da Paraíba, em 15 de maio de 2012, docentes de instituições federais mantêm greve, pleiteando 4% do salário e incorporação das gratificações. Tal discurso noticiado deixa clara a ideia do descontentamento dos docentes em relação à profissão. Entretanto, ao invés do texto dar acesso discursivo aos professores, os discursos que são veiculados por meio de citações diretas advêm de Gonzalo Rojas, Presidente da associação dos docentes da

UFCG - Universidade Federal de Campina Grande: “os 1200 que irão paralisar as aulas estão determinados em seguir lutando por suas reivindicações. A luta é pela reestruturação da carreira, que é algo maior do que um aumento de 4% que é a proposta do governo.”

Há um nítido anseio quanto à reestruturação da carreira docente, descumprida pelo governo federal, além da valorização do piso e incorporação das gratificações e melhorias das condições de trabalho dos professores, que foram as principais reivindicações da classe.

A profissão tem sido cada vez menos valorizada, cada vez mais explorada, porque já não se incentiva mais os jovens a segui-la, não se desperta a vocação deles para a missão de ensinar. Os baixos salários e a falta de reconhecimento têm sido sempre o motivo desencadeador de tais reivindicações.

O abandono do magistério continua sendo apontado como uma das implicações dos baixos salários. Analisando a greve do magistério por parte de professores, conclui-se que a baixa remuneração é o fator mais alegado por esses profissionais, sendo destacado como principal motivo de reclamação da classe, e associada a outros fatores como: falta de melhores condições de trabalho; ausência de perspectiva profissional, o que ocasiona o desencanto com a profissão.

Os ínfimos salários dos professores são o aspecto mais fundamental e decisivo para o declínio da profissão docente. A diminuição dos salários dos professores indica uma perda de posição e respeito por esta categoria profissional. O principal motivo do professor não se sentir complacente com sua profissão está relacionado ao salário e gratificações não recebidas.

Diante disso, percebe-se que o texto reporta de maneira negativa o noticiário, uma vez que, já no título, fica clara a desmotivação da classe que é mal remunerada, e precisa fazer greve em busca de melhores reajustes salariais. A combinação das pressões morais presentes no ensino associada à algumas recompensas materiais e a degradação do status econômico traduzem-se em frustração pessoal e insatisfação do professor com seu próprio trabalho. Isso sem dúvida é extremamente prejudicial para a qualidade do desempenho do professor em sala de aula e, conseqüentemente, para a formação escolar.

Ao lado da depreciação salarial, ocorreu a desvalorização social da profissão docente. Portanto, o sentimento de desvalorização está diretamente relacionado à

questão salarial. Desta forma, a alternativa exposta no texto decorre da desvalorização da profissão, concedendo a oportunidade de buscar uma formação alinhada com a realidade educacional, preocupada com a política geral.

É perceptível nesta notícia que não houve acesso discursivo dos professores. O acesso de forma direta só ocorreu no discurso do Presidente da associação dos docentes da UFCG. O jornal não dá acesso para que os professores falem, reivindiquem e expliquem o motivo da greve, o que muitas vezes leva a sociedade a condenar os docentes, e verem apenas o outro lado da história, como por exemplo os discentes como grandes prejudicados pela falta das aulas.

Todas essas notícias nos mostram como a mídia reporta a prática docente. Em todas elas há uma grande ausência dos discursos dos professores, e quando eles aparecem, são repletos de negatividade e depreciação. Dentre estas três notícias, apenas o discurso da pedagoga Cleoneide, na primeira notícia, que qualifica positivamente a prática docente, é reportado. Assim, chegamos à conclusão de que o acesso de alguns discursos nestas notícias influencia mais uma vez negativamente a imagem da docência no Brasil, que, a nosso ver, configura-se como desvalorizada. A mídia possui um poder de influência muito grande, então muitas informações publicadas nas notícias irão interferir diretamente na construção de muitas identidades. Enfim, acreditamos que a prática docente é em grande parte excluída das notícias do jornal, e sua atribuição identitária se configura como negativa e desvalorizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da presente pesquisa possibilitou uma análise de como a mídia reporta a prática docente, através de notícias veiculadas no Jornal da Paraíba. Nosso propósito foi compreender quais construções identitárias eram possíveis estabelecer sobre a prática docente por meio da análise de notícias veiculadas no Jornal da Paraíba ao longo do período de 2010 a 2020

Este trabalho traz contribuições ao estudo da Análise Crítica do Discurso, pois permitiu estudarmos sobre o discurso e sobre os fatores que estão intrínsecos a ele, como por exemplo, o poder, ideologia e como esses aspectos podem influenciar e moldar tais discursos. Do mesmo modo, permitiu-nos observar os possíveis processos de construção de identidade social através dos discursos.

As análises permitiram-nos ver que nossa hipótese levantada se confirma, uma vez que se verificou que o jornal só reportou, em um período de dez anos, notícias que tratavam sobre aspectos negativos sobre a docência. A começar pelos títulos dessas notícias, nos quais predominantemente fizeram uso de itens lexicais negativos, como: “exaustão”, “protestam”, “não recomenda”. Todas essas palavras possuem um peso negativo muito grande, visto que antecipam ao leitor o que virá na notícia. Então, se esses itens carregam uma carga semântica de efeito negativo, consequentemente a notícia também estará propensa a seguir esse caminho.

Outro fator perceptível que denota esse teor de negatividade é a forma que é dada o acesso às notícias, bem como, ao discurso dos próprios docentes, que por muitas vezes também contribuem para a negatização dessa prática. Assim, acreditamos que o Jornal escolheu veicular somente notícias que reportam o lado ruim da docência, bem como os variados problemas que permeiam a área, os quais, de acordo com o que vimos, são problemas que se arrastam há muitos anos e que só têm aumentado ao longo desse tempo.

Dessa forma, todas essas considerações explanadas respondem ao nosso objetivo geral, uma vez que mostram de que forma a mídia noticia a prática docente, a qual, conforme vimos, é tratada como um assunto pouco interessante e atraente para o jornal, visto que foram encontradas poucas notícias. Do mesmo modo, todas as notícias trouxeram questões que reverberam bastante para a depreciação da

docência, pois o acesso dado a alguns discursos contribuíram para uma visibilidade que preza pela perda de prestígio da profissão docente.

Portanto, chegamos à conclusão de que a construção identitária da prática docente configura-se como desvalorizada, pouco recomendada para futuras gerações, segundo a posição do veículo analisado. Vale ressaltar que, pelo que averiguamos nas notícias, que são dotadas de pontos que desvalorizam a prática docente, cremos que possivelmente há por trás disso intenções de alguns grupos dominantes que querem que o jornal reporte a docência dessa forma. Afinal, como vimos, a mídia não é transparente, e é dotada de relações de poder que a moldam de acordo com o poder dos grupos dominantes.

REFERÊNCIAS

ABREU, Adriana Rodrigues de; NÓBREGA, Adriana Nogueira Accioly. **Olhares teóricos para a construção de identidades de professores e de alunos por um viés sistêmico-funcional.** [s.n.] Rio de Janeiro: [s.d.] doi 10.17771/PUCRio.PDPe.30084.

ANDRADE, Cláudia. A construção da Identidade, Auto-conceito e Autonomia em Adultos Emergentes. **Psicologia Escolar e Educacional**, SP. v.20, n.1, Janeiro/Abril:137-146.2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2005.

BENASSI, Maria Virginia Brevilheri. O gênero “notícia”: uma proposta de análise e intervenção. In: **CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS.** 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 1791-1799.

BERLATTO, Odair. A construção da identidade social. **Revista do Curso de Direito da FSG.** Caxias do Sul ano 3 n. 5 p. 141-151. jan./jun. 2009.

BERTOTTI, Rudimar Gomes; RIETOW, Gisele. Uma breve história da formação docente no Brasil: da criação das escolas normais as transformações da ditadura civil-militar. **XI Congresso Nacional de Educação EDUCERE.** Curitiba, de 23 a 26/09/2013.

BOCELLI-M, Alan. A questão da identidade em Giddens e Bauman. **Revista eletrônica dos pós graduandos em sociologia política da UFSC.** v. 5. n.1 (1) agosto - dezembro/2008.

BRANDENBURG, Cristine; OLIVEIRA, Roberta Lucia Santos de. **Aspectos gerais sobre a profissão docente e a teoria da sua história:** uma reflexão para educadores. [s.l.] Editora EdUECE-Livro 1/01107, [s.d.].

CARLOMAGNO, Márcio C. ROCHA, Leonardo Caetano da. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, vol. 7, n. 1, 2016.

CARMO, Estevão Eduardo Cavalcante. Gênero Textual e Acesso Discursivo: Analisando Relações de Poder na Mídia. **Revista Ao pé da Letra** – v. 15.2. 2013. ISSN 1984-7408

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** 9 ed. São Paulo. Paz & Terra, 2010.

DEZAN, Alice Zeitune de Paula Silveira. **O discurso como Prática Social:** Papel do Discurso no Processo de Interação das Organizações. VABRAPCORP, [s.l.] 2011.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FALCONE, Karina. **O acesso dos excluídos ao espaço discursivo do jornal.** Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, 2003.

FIALHO, Joaquim. A construção da identidade social e profissional através da ação das redes de sociabilidade laboral. **Revista Argumentos**, Montes Claros, v.14, n.1, p. 138-162, jan/jun-2017.

FOWLER, Roger. Sobre a linguística crítica. **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, Tubarão, v.4, n.esp, p. 207-222, 2004.

FREITAS, Charles Lamartine de Sousa. A influência da concepção de educação grega na constituição histórica da paideia cristã. **Filos. e Educ.**, Campinas, SP, v.10, n.2, p. 287-309, maio./ago. 2018.-ISSN 1984/9605.

GIDDENS, Anthonv. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 233 p.2002.

GUAZINA, Liziane. O conceito de mídia na comunicação e na ciência política: desafios interdisciplinares. **Revista Debates**, Porto Alegre, v.1, n.1, p. 49-64, jul.-dez. 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva.11ª ed. Rio de Janeiro: DP & A,1992.

KIMURA, Patrícia Rodrigues de Oliveira *et al.* Caminhos da formação e profissionalização docente no brasil: desafios e perspectivas na contemporaneidade. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.20, n1, p.09-23, jan.jun.2012.

LIMA, Deivson Wendell da Costa *et al.* Historicidade, conceitos e procedimentos da análise do discurso. Rio de Janeiro: **Rev enferm UERJ**, 2017.

MAGALHÃES, Isabel. Introdução: a análise de discurso crítica. **D.E.L.T.A**, 21: ESPECIAL, p. 1-9, 2005.

MELO, Iran Ferreira de. Análise do discurso e análise crítica do discurso: desdobramentos e intersecções. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura**. Ano 05 n.11 - 2º Semestre de 2009.ISSN 1807-5193

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Identities fragmentadas**: a construção de raça, gênero e sexualidade na sala de aula. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

SÁ, Tiago Tavares de; NETO Francisco Raimundo Alves. A docência no Brasil: história, obstáculos e perspectivas de formação e profissionalização no século XXI. **Revista Tropos**, ISSN: 2358-212X, v. 5, número 1, ed. Julho de 2016.

SANTINELLO, Jamile. A identidade do indivíduo e sua construção nas relações sociais: pressupostos teóricos. **Rev. Estud. Comun.**, Curitiba, v. 12, n. 28, p. 153-159, maio/ago. 2011.INSSN 1518-9975

SIGNORI, Inês. **Lingua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado de Letras,1998.

SILVA, Glauber Paiva da. Noções de identidade de stuart hall e o diálogo com o patrimônio cultural imaterial. **ANPUH – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife**: 2019.

SILVA, Isabela Lapa; SILVA, Viviane Rufino da. Breve panorama histórico e introdutório da análise do discurso crítica. **Revista Ao Pé Da Letra**, Versão online, v. 19.1, p. 53-77, 2017. ISSN 1984 – 7408

SOUZA, Vilmar Ferreira de. O lugar do conceito de ideologia na análise do discurso político (ADP): uma proposta à luz da análise crítica do discurso (ACD). 2015. **Letras**, Santa Maria, v. 25, n. 50, p. 421-432, jan./jun. 2015.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e Poder**. Tradução: Judith Hoffnagel, Karina Falcone, (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2008, 281 págs.

VAN DIJK, Teun A. **La noticia como discurso Comprensión, estructura y producción de la información**. Traducción de Guillermo Gal Cubieta de Mario Eskenazi. 1º ed. Barcelona: Editora Paidós, 1990.

VIANA, Nildo. **Linguagem, discurso e poder**: ensaios sobre linguagem e sociedade. ed. 1ª. Pará de Minas, MG: Virtualbooks, 2009.

WEBER, Silke. Profissionalização docente e políticas públicas no Brasil. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 24, n. 85, p. 1125-1154, dezembro 2003.

WODAK, R.; MEYER, M. (Orgs.). **Methodsof Critical Discourse Analysis**. London: Sage, 2001.

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, Tubarão, v. 4, n.esp, p. 223-243, 2004.

XAVIER, Libânia Nacif. A construção social e histórica da profissão docente uma síntese necessária. 2014. **Revista Brasileira de Educação**, v. 19 n. 59 out.- dez. 2014.

Anexos

Estudo detecta exaustão em 65% dos docentes da rede pública de JP

Maioria dos entrevistados apresentou sintomas

Karoline Zilah com informações da Fiocruz

A síndrome de Burnout é uma doença do trabalho que já tem sido considerada caso de saúde pública na opinião dos especialistas. As pressões psicológicas no ambiente profissional, o desprestígio social e a falta de motivação tanto por parte do funcionário quando de seu empregador tem sido apontada como as principais causas para esgotamento físico e mental. A frase de uma professora do ensino fundamental em João Pessoa resumi o drama desta situação: "Hoje o trabalho do professor é muito estressante: meu sofrimento é o meu trabalho".

A frase foi dita durante pesquisas da psicóloga Jaqueline Brito com professores da rede pública do ensino de João Pessoa. Em contato com 265 professores, ela percebeu que 65% apresentavam alto nível de exaustão emocional por causa do trabalho. "Trabalhar com gente adocece, E não é pouco. E não é estresse físico, é mental fechar ", revela.

Jaqueline desenvolveu um estudo sobre o assunto pela Fundação Oswaldo Cruz (Fio Cruz) de Pernambuco e concluiu que a realidade detectada em João Pessoa pode ser estendida a muitos outros professores do país, que são submetidos a condições de trabalho semelhantes

O estudo verificou que 23,4% dos professores do nível fundamental apresentaram alto nível de despersonalização, 55,5% alto nível de exaustão emocional e 85,7% alto nível de realização pessoal no trabalho. A psicóloga explica que este último percentual, embora pareça contraditório, é na verdade uma característica da síndrome de Burnout. As pessoas não atribuem ao trabalho a razão da sua estafa física e emocional.

Profissionais não reconhecem que sofrem da doença

Foi exatamente este o quadro apresentado pela pedagoga Cleoneide Jerônimo, de 42 anos. Sempre disfarçada para fazer o seu melhor junto aos alunos, ela não reconhecia que estava doente porque pensava que o sentimento de exaustão era uma fraqueza de sua parte.

Professoras das redes públicas estadual e municipal em João Pessoa, ela sempre teve uma jornada tripla de trabalho: foram 20 anos de sala de aula, além de especialização e mestrado.

Apesar de administrar o tempo, aos 37 anos de idade ela começou a apresentar uma forte crise de labirintite. Procurou o médico e voltou para casa com receita de medicamento para tratar o problema, mas não percebeu que sua situação estava além os sintomas físicos.

Quando sai da crise, tentei voltar a minha rotina, mas senti dificuldade em administrá-la principalmente em sala de aula, pois não consegui organizar-me como de costume. Entretanto, só associei tais problemas a síndrome três anos depois, quando fiz parte da pesquisa da professora Jaqueline. Foi a partir do monitoramento da pesquisa que percebi que não sofria só o estresse causado pela labirintite, mais um conjunto de fatores que me adoecia. E o pior é que eu não reconhecia como doença, e pensava que se tratava de uma fraqueza de minha parte, pois eu sempre dei o melhor de mim em tudo que fazia.

No caso de Cleoneide, não foi preciso terapia, nem medicamentos para se tratar: o fato de admitir os sintomas foi um grande passo para recuperação. "Só o fato de reconhecer as causas da doença foi o suficiente para não adoecer mais. Passei a respeitar meus limites, buscando o equilíbrio entre profissão, família, estudos, lazer e priorizando sempre o meu bem-estar", explica.

"Hoje sei que sou melhor profissionalmente e acredito que conhecer os fatores da síndrome de Burnout me proporcionou um conhecimento que vou levar para a vida: trabalhar com ser humano, como também a busca de conhecimentos, não precisa ser algo que me consuma, e sim algo gratificante. Mas para isso é preciso pôr em prática diariamente a grande lição do Mestre dos Mestres: conhece a ti mesmo deixa a, complementa.

Falta de estímulo na profissão

Segundo a psicóloga Jaqueline Brito, o quadro apresentado na pesquisa se deve a fatores sociais, ambientais e pessoais sempre relacionados ao trabalho. "O que pode ser feito para reverter a situação é considerar os aspectos da realidade do professor, o que inclui gestores alunos, família dos alunos, família dos professores e colegas de trabalho", revela a pesquisadora.

Segundo ela, também é possível desenvolver medidas com o objetivo de minimizar as consequências do desconforto das salas de aula na saúde dos docentes. Outra alternativa é a construção de um serviço multidisciplinar de atenção à saúde do professor para proteger e recuperar a saúde dos profissionais, incluindo em programas de combate ao estresse.

BURNOUT; CANSAÇO; CRISE; DOENÇA; ESGOTAMENTO; EXAUSTÃO; SÍNDROME; SINTOMA; TRABALHO.

(Notícia publicada em 21.11.2010, às 08h11, pelo JPB Online. Atualizado há 10 anos)

Metade dos docentes no país não recomenda a própria profissão

Um terço dos pesquisados estão totalmente insatisfeito com a docência.

No Brasil, metade dos professores não recomendaria a um jovem se tornar educador, por considerar a profissão desvalorizada, revela a pesquisa Profissão Docente, iniciativa da organização Todos pela Educação e do Itaú Social

De acordo com levantamento feito pelo Ibope Inteligência em parceria com a rede com Conhecimento Social, a maioria (78 %) dos professores disse que escolheu a carreira principalmente por aspectos ligados à afinidade com a profissão. Entretanto, 33% dizem estar totalmente insatisfeitos com atividade docente e apenas 21 % estão totalmente satisfeitos.

Durante a pesquisa foram entrevistados 2.160 profissionais da educação básica em redes públicas municipais estaduais e da rede privada de todo o país, sobre temas com a formação, trabalho e valorização da carreira. A amostra respeitou à proporção de docentes em cada rede vírgula etapa de ensino região do país segundo dados do censo escolar da educação básica Mec/Inep.

Professores dizem que falta continuidade de boas políticas e alinhamento dos programas educacionais com a sala de aula Arquivo/Agência Brasil

Para diretor e políticas educacionais da organização todos pela Educação Olavo Nogueira Filho, os dados são preocupantes. Ele reforçou a necessidade de repensar a valorização da carreira dos professores brasileiros. “Há bastante tempo conhecemos o desafio da desvalorização do docente, da falta de prestígio em relação à carreira, mas acho que os novos dados chegam para reforçar e, mais uma vez, mostrar que temos um longo caminho a ser trilhado na educação, no que diz respeito à valorização da carreira”, afirmou.

Formação

Os docentes apontam como medidas mais importantes para a valorização da carreira, a formação continuada (69%) e a escuta dos docentes para formulação de políticas educacionais (67%). Eles consideram urgente a restauração da autoridade e o respeito à figura do professor (64%) e o aumento salarial (62%).

Para diretor Nogueira Filho, os números é passam relevante mensagem no sentido de desmistificar o centro comum, que coloca a questão salarial com o principal problema para carreira docente no país

“O debate, de modo geral, tem colocado ênfase, de maneira quase isolada, na questão salarial. E, de fato, esse ponto surge no conjunto das principais medidas que as pessoas entendem como importantes para valorizar a carreira, mas não aparece na pesquisa como fator principal.

Acho que isso traz uma questão importante sobre a discussão da valorização que precisa ir além da questão do salário.”

A remuneração média dos professores no Brasil atualmente, segundo a pesquisa é de 4.451,56. A maioria dos docentes (71 %) tem a profissão como a principal renda da casa e 29% afinar de outra atividade como fonte de renda complementar.

Dados mostram que a falta de confiança entre o professor e a secretaria de estaduais e municipais de educação é desafio as enfrentado - Marcelo Casal Jr/agência Brasil

Segundo a pesquisa, um em cada três professores tem contrato com carga horária de menos de 20 horas semanais, o que pode ter impacto na renda e no comprimento de um terço da carga horária, prevista na Lei do Piso do Magistério para atividades extraclasse. Pelo menos 58 % dos professores afirmam ter tempo remunerado fora da sala de aula. Contudo, somente cerca de trinta por cento dos docentes dispõem de aproximadamente ou mais de um terço da carga horária para planejamento de aula.

Políticas públicas

Os professores ouvidos pela pesquisa consideram que é papel das secretarias da Educação oferecer oportunidades de formação continuada (76%), mas não concordam que programas educacionais, com um todo, estejam bem alinhados à realidade da escola (66 %) Apontam a falta um “bom canal de comunicação” entre a gestão e os docentes (64%), e dizem que não há envolvimento dos professores nas decisões relacionadas às políticas públicas (72%). Também consideram aspectos ligados à carreira mal atendidos, como apoio à questão de saúde e psicológicas (84%) e o salário 73%.

Falta de confiança

Para diretor de políticas educacionais da organização todos pela Educação Nogueira Filho os dados mostram que a falta de confiança entre professor e as secretarias estaduais e municipais da educação é outro desafio a ser enfrentado. “Uma parcela significativa dos professores diz não acreditar que a secretaria tem lançado mão de políticas que tenho aderência à sua escola e, mais do que isso, mostram descrença com relação ao próprio compromisso da secretaria para com aprendizagem dos alunos”.

O governo federal anunciou, em fevereiro deste ano, o aporte de R\$ 1 bilhão para a Política Nacional de Formação de professores, com o objetivo de financiar 190 mil vagas em três diferentes iniciativas para formação docente: o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), o Programa de Residência Pedagógica e a Universidade Aberta do Brasil (UAB).

"São políticas que apontam no sentido correto e desejável, mas, considerando

o tamanho do desafio, é razoável dizer que são insuficientes para, de fato, reverter o cenário que a pesquisa traz no que diz respeito à valorização da profissão, das estruturas da carreira e da qualidade da formação, tanto do ponto de vista inicial quanto continuado”, disse.

O diretor ressaltou a necessidade de mudança estrutural na formação inicial dos docentes. Na sua opinião, o governo federal pode ter papel importante na indução de melhorias a partir da criação de parâmetros de estruturação de carreira que possam ser seguidos pelas secretarias de educação.

Procurados pela reportagem, o Ministério da Educação e o Conselho Nacional de Secretário da educação (Consed) não se manifestaram até o momento de publicação da matéria.

(Notícia publicada em 30.07.2018, às 14h07, pelo JPB Online. Atualizado há 02 anos)

Docentes de instituições federais mantém greve

Para marcar o início da luta da categoria, professores da UFC promoverão uma mobilização na quinta-feira (17) em frente a universidade.

Após recusar por unanimidade a proposta do governo federal de reajuste de 4% de salário e incorporação das gratificações, os docentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes) vão manter a greve para próxima quinta-feira. Para marcar o início da luta da categoria, os professores da Universidade Federal de Campina Grande UFCG promoveram uma mobilização na quinta-feira, a partir das 8h, em frente à universidade, no bairro de Bodocongó, e será realizada uma panfletagem que contará com a participação do Diretório Central dos Estudantes (DEC) e outros servidores que também irão paralisar as atividades neste dia

A reestruturação da carreira docente, descumprida pelo governo federal e a valorização do piso e incorporação das gratificações e melhoria das condições de trabalho dos docentes foram as principais reivindicações da classe que vai deixar os sete Campi da UFCG- Campina Grande, Patos, Sousa, Pombal, Cajazeiras, Sumé e Cuité- e mais de 15 mil alunos sem aula durante um período indeterminado. Segundo Gonzalo Rojas presidente da associação dos docentes da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, os 1.200 professores que irão paralisar as aulas estão determinados e seguir lutando por suas reivindicações.

“Iremos aproveitar que a quinta-feira já estava marcada uma paralisação de todos os servidores federais para fazer uma mobilização para reforçar que nossa luta será mantida, mesmo com a proposta de aumento do governo federal. Nossa luta é pela reestruturação da nossa carreira, que é algo maior do que um aumento de 4%, que a proposta do governo”, assegurou Gonzalo reprovando a Medida Provisória (MP) proposta aos docentes.

A Reitoria da UFCG lamentou a greve da categoria, já que os prejuízos poderão ser muito grandes para a instituição e, principalmente, para o corpo de estudante. Segundo o reitor Thompson Mariz, a partir de agora vai começar mais uma fase de negociações com Associação dos docentes da UFG para que a greve seja encerrada o mais rápido possível e que o quadro de discentes não sofra passando muito tempo com as várias atividades acadêmicas paradas.

(Notícia publicada em 15.05.2012, às 06h06, pelo JPB Online. Atualizado há 09 anos)

Docente protestam pelo piso salarial

Mobilização fez parte do calendário de reivindicações da categoria, que cobra o pagamento do piso salarial integral.

Professores da Rede Estadual de Ensino, em Campina Grande das escolas Elpídio do Almeida (Estadual da Prata), Monte Carmelo e Nossa Senhora do Rosário, se reuniram na manhã de ontem na praça do Rosário e promoveram um protesto pelo não pagamento do piso salarial dos docentes. A mobilização fez parte do calendário de reivindicações da categoria, que promete ainda se organizar em mais três datas ainda este mês para cobrar celeridade no cumprimento da lei.

A categoria ainda cobra que a Secretaria de Educação do Estado respeite o Plano de Cargos, Carreira e Remuneração (PCCR) no que desrespeito às ascensões vertical (formação) e horizontal (carreira) dos professores, além da redução da carga horária dos servidores não docentes e 8 horas para seis horas corridas.

De acordo com a diretoria do Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado (Sintep), Edna Serafim, o Governo não paga vale transporte nem ticket alimentação para que os funcionários possam cumprir seu horário em dois turnos.

Esses servidores não têm condições de trabalhar oito horas, divididos em dois turnos. O Governo da Paraíba não dá condições para isso. Além do mais, queremos receber o piso salarial integral, e não o que é pago, porque a

secretaria está juntando as gratificações com o salário base e diz que paga o piso. O que não é verdade”, apontou a professora, explicando que o valor do piso nacional é de R\$1421, sendo que eles recebem R\$950.

CALENDÁRIO

A diretoria do sindicato em Campina Grande ainda confirmou que no próximo dia 18, às 14h, será a vez dos professores da Rede Estadual do bairro do Catolé, das escolas Premem, Polivalente e Aplicação protestarem. Já no dia 21, às 9h30, os docentes das escolas Álvaro Gaudêncio de Queiroz, Dom Luiz G. Fernandes e o CAIC, todos nas Malvinas, irão se organizar para uma nova mobilização.

Para encerrar o calendário de protestos desse mês, será feita uma paralisação total da rede de ensino no dia 25, na praça Juscelino Kubitschek, no bairro do Cruzeiro. Apenas neste dia não haverá aula nas escolas estaduais.

(Notícia publicada em 14.09.2012, às 06h09, pelo JPB Online. Atualizado há 08 anos)

Docentes denunciam agressões em escolas

Em mais um capítulo da violência nas escolas paraibanas, docentes dizem temer agressões de alunos e relatam casos recorrentes.

Após o caso de uma suposta agressão praticada por um professor contra um aluno, da Escola Dom José Maria Pires no bairro das Indústrias, os alunos atearam fogo a duas carteiras da unidade de ensino durante a noite da última segunda-feira.

Situações de violência tem se tornado frequente em escolas da Paraíba, principalmente ameaças feitas contra professores.

Conforme o professor Edvaldo Faustino, integrante do Conselho Diretor do Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado da Paraíba, em várias escolas do Estado os professores convivem diariamente com cenas de violência, ameaças e até mesmo agressões. A Polícia Militar confirma situação, revelando que as ameaças acontecem principalmente em comunidades onde existe o tráfico de drogas.

Na escola estadual João Roberto Borges de Sousa, no bairro do Mangabeira, em João Pessoa, a situação não é diferente. Professores da unidade de ensino já foram alvo de realizações por parte de alunos, na forma principalmente de arranhões e seus veículos e pneus furados. As discussões em sala de aula entre alunos e professores são constantes, a iluminação precária favorece a prática de pequenas delitos fora na escola.

Este ano foi feito registro de consumo de entorpecentes no prédio da instituição. Na resolução destes problemas, o diretor da escola Sérgio Cabral, adotou uma postura que envolvem professores e familiares dos alunos.

“Já tivemos um caso aqui na escola de uma professora que chegou a ser espancada por um aluno, mas este ano a situação está mais tranquila. Percebemos que os casos de violência dentro da escola aconteciam principalmente à tarde. Por este motivo estamos sempre nos engajamos em projetos para manutenção da paz tanto na escola quanto na comunidade”, explicou o diretor Sérgio Cabral.

O professor acusado de agredir um aluno no bairro das indústrias afirmou que era vítima de ameaças desde que assumiu o cargo, inclusive teve sua motocicleta alvo de depredação. Ele ainda chegou a afirmar que as ameaças feitas por alunos da escola são constantes.

A gerente da 1º região de ensino em João Pessoa, Weleica Araújo, se reuniu com a direção da Escola Dom José Maria Pires, na manhã de ontem, para discutir medidas que possam minimizar a violência que ocorreu na última segunda-feira. Um relatório sobre o caso será entregue ao secretário estadual de Educação, Harrison Targino. A gerente garantiu que não existe o registro de ameaças sofridas por professores e que a secretaria tem trabalhado constantemente com alunos a questão do enfrentamento à violência.

(Notícia publicada em 30.05.2012, às 06h05, pelo JPB Online. Atualizado há 09 anos)